

HESDRAS SÉRVULO SOUTO DE SIQUEIRA CAMPOS FARIAS

DE PRINCESA A NEW YORK

A história da Revolta de Princesa (PB) contada a partir das notícias do jornal **The New York Times**

NEW YORK, SUNDAY, MAY 24, 2020

72, Bristol, Conn., loved writing birthday and holiday cards, poems and lists - Charles Constantine, 66, Montpelier, N.J., worked 40 years for The New York Times - **Ben Doherty, 63, Boston, stockbroker who founded Liberty Financial Services - John Harton Conway, 52, New Brunswick, N.J., mathematician known as the "tragedy genius" - Stanley Chera, 71, New York City, developer and friend of the president - **Robby Browne, 72, New York City, Realtor and philanthropist who recalled with delight - Wynne Handwerker, 67, New York City, acting teacher and a founder of the American Place Theater - Adam Kowicz, 72, New York City, cartoonist and an ex-****

Joseph B. Kelly, 61, New York City, did this hour through the Panama Canal to Antarctica - John Price, 73, Nashville, country-folk singer who was a favorite of Bob Dylan - Perry Buckster, 63, Florida, quiet hero - Melissa Malye, 74, Bethesda Beach, Del., loved animals, had dogs and cats, and rode horses - Thomas Tarbell Russell, 63, Longmeadow, Mass., moment by the computer science pioneer Grace Hopper - Ruth Skapinski, 63, Rosville, Cal., backyard birds were known to feed from her hand - Fanchy Heiler, 52, Minnesota, her favorite thing was giving new people - Terria Janet Howard, 26, Waterbury, Conn., gentle

Chen Dunlop, 69, Washington, D.C., "helped people to fly in 80s - Marc Warner, 48, Colorado Valley, Calif., veteran police detective - Regina B. Collins, 45, Strawberry, Miss., still active but strong in spirit - Vikram Arora, 48, New York City, investment banker and teacher - Frank J. O'Connell, 64, New York City, emergency room doctor who led his team - William E. Matthews, 69, Manhattan, N.Y., space-science writer - Alan Kline, 66, California, lead singer of a 1960s folk group - Roger Eckhart, 76, Indiana, retired firefighter and school teacher - Martin Dinsdale, 71, New York City,

Neomintzkyer Hasidic dynasty - Joseph B. Kelly, 61, New York City, did this hour through the Panama Canal to Antarctica - John Price, 73, Nashville, country-folk singer who was a favorite of Bob Dylan - Perry Buckster, 63, Florida, quiet hero - Melissa Malye, 74, Bethesda Beach, Del., loved animals, had dogs and cats, and rode horses - Thomas Tarbell Russell, 63, Longmeadow, Mass., moment by the computer science pioneer Grace Hopper - Ruth Skapinski, 63, Rosville, Cal., backyard birds were known to feed from her hand - Fanchy Heiler, 52, Minnesota, her favorite thing was giving new people - Terria Janet Howard, 26, Waterbury, Conn., gentle



DE PRINCESA A NEW YORK

**A história da Revolta de Princesa (PB)
contada a partir das notícias do jornal
The New York Times**

DIREÇÃO EDITORIAL: Maria Camila da Conceição
DIAGRAMAÇÃO: Luciele Vieira / Jeamerson de Oliveira
DESIGNER DE CAPA: Jeamerson de Oliveira

O padrão ortográfico, o sistema de citações e referências bibliográficas são prerrogativas do autor. Da mesma forma, o conteúdo da obra é de inteira e exclusiva responsabilidade de seu autor.



Todos os livros publicados pela Editora Olyver estão sob os direitos da Creative Commons 4.0 https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR

2019 Editora Olyver
Aldebaran | Tv. José Alfredo Marques, Loja 05
Antares, Maceió - AL, 57048-230
www.editoraolyver.org
editoraolyver@gmail.com

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S150p

FARIAS, Hesdras Sérvulo Souto de Siqueira Campos

De princesa a New York A história da Revolta de Princesa (PB) contada a partir das notícias do jornal The New York Times. [recurso impresso]. / Hesdras Sérvulo Souto de Siqueira Campos Farias. – Maceió, AL: Editora Olyver, 2021.

ISBN: 978-65-81450-99-1

Disponível em: <http://www.editoraolyver.org>

1. Paraíba. 2. História. 3. Sertão. 4. Coronelismo. 5. Revolta. I. Título.

CDD: 981

Índices para catálogo sistemático:

1. História de Brasil 981

**HESDRAS SÉRVULO SOUTO DE SIQUEIRA
CAMPOS FARIAS**

DE PRINCESA A NEW YORK
A história da Revolta de Princesa (PB)
contada a partir das notícias do jornal
The New York Times

Maceió-AL
2021


OLYVER

DIREÇÃO EDITORIAL

Maria Camila da Conceição

COMITÊ CIENTÍFICO EDITORIAL

Prof. Dr. José Adelson Lopes Peixoto

Universidade Estadual de Alagoas | UNEAL (Brasil)

Prof. Dr. Edson Hely Silva

Universidade Federal de Pernambuco – UFPE (Brasil)

Prof. Dr. Constantino José Bezerra de Melo

Secretaria de Educação de Pernambuco - SEE-PE (Brasil)

Prof. Dr. Francisco Pereira Sousa

Universidade Federal de Alagoas | UFAL (Brasil)

Prof^a. Me. Francisca Maria Neta

Universidade Estadual de Alagoas | UNEAL (Brasil)

Prof^a Dr^a. Ana Cristina de Lima Moreira

Universidade Estadual de Alagoas | UNEAL (Brasil)

Prof^a Dr^a. Betijane Soares de Barros

Instituto Multidisciplinar de Maceió – IMAS (Brasil)
Absoulute Chistymas University – ACU (Estados Unidos)

Prof^a Dr^a. Andrea Marques Vanderlei Ferreira

Universidade Federal de Alagoas | UFAL (Brasil)

Prof^a Dr^a. Laís da Costa Agra

Universidade Federal do Rio de Janeiro | UFRJ (Brasil)

Prof. Dr. Siloé Soares de Amorim

Universidade Federal de Alagoas | UFAL (Brasil)

Prof^a Dr^a. Nara Salles

Universidade Federal de Pelotas | UFPel (Brasil)

Profª Drª. Urânia Auxiliadora Santos Maia de Oliveira
Universidade Federal da Bahia | UFBA (Brasil)

Prof. Dr. Fernando José Ferreira Aguiar
Universidade Federal de Sergipe | UFS (Brasil)

Profª Drª. Karina Moreira Ribeiro da Silva e Melo
Universidade de Pernambuco | UPE (Brasil)

Profª Me. Deisiane da Silva Bezerra
Universidade Federal Rural de Pernambuco | UFRPE (Brasil)

Profª Drª. Iraci Nobre da Silva
Universidade Católica de Pernambuco | UNICAP (Brasil)
Universidade Estadual de Alagoas | UNEAL (Brasil)

Profª Me. Gisely Martins da Silva
Universidade Estadual de Alagoas | UNEAL (Brasil)

Prof. Dr. Augusto César Acioly Paz Silva
Universidade Federal de Pernambuco | UFPE (Brasil)
Autarquia de Ensino Superior de Arcoverde | AESA-CESA (Brasil)

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva
Universidade do Estado da Bahia | UNEB (Brasil)
Universidade Federal de São Carlos | UFSCar (Brasil)

Prof. Dr. Hélder Manuel Guerra Henriques
Professor da Escola Superior de Educação e Ciências Sociais do
Instituto Politécnico de Portalegre (Portugal)

Profª Drª. Maria Aparecida Santos e Campos
Doutorado em Actividad física y salud. Universidade de Jaen, UJAEN,
(Espanha)

Prof. Dr. Diosnel Centurion, Ph.D
Universidad Católica Ntra. Sra. de la Asunción | Asunción (Paraguay)

Profª Drª. Marta Isabel Canese de Estigarribia
Universidad Nacional de Asunción, Escuela de Ciencias Sociales y
Políticas | Asunción (Paraguay)

DEDICATÓRIA

Ao idealizador e primeiro presidente da Sociedade Brasileira de Estudos do Cangaço – SBEC, **Paulo Medeiros Gastão**, meu paciente guia pelas veredas infindáveis do conhecimento, que me levaram a amar muito mais



o meu torrão, o meu povo e as minhas raízes. Essa obra é dedicada a esse sertanejo que nunca mediu esforços para levar-me ao universo das pesquisas, sem nunca me deixar faltar material de leitura, sem nunca cansar de me ligar somente para falar dos mais diversos assuntos circunscritos nesse oceano de cultura chamado Nordeste. Muito obrigado, meu amado amigo! Ainda que póstumo, receba meu OBRIGADO.

A lendária coragem do povo sertanejo, a Zabé da Loca, a Ignácio da Catingueira, a Chico Cesar, ao professor Ariano Suassuna, ao amor de Anayde Beiriz e João Dantas, ao heroico povo de Princesa, aos que perderam a vida nesta guerra sem vencedores.

Aos Santos, aos Profetas, às Beatas e Beatos, aos Mártires, aos Cangaceiros e aos Repentistas que povoam meu mundo mítico sertanejo, dedica, louva e consagra Hesdras Souto.

AGRADECIMENTOS

Esta obra, do início até a sua conclusão, passou por algumas mãos e por muitos olhos. Os agradecimentos devem ser estendidos a todos que de alguma forma ajudaram na edificação destas páginas. Agradeço aos amigos envolvidos diretamente nessa construção: Aldo Branquinho Nunes e Demétrius Ferreira. A Cientista Social e Professora Ana Carolina Silva Torres que presenciou o embrião desse livro quando ele era um emaranhado de palavras em um projeto de pesquisa de Mestrado. A Historiador, Professor e amigo Dirceu Marroquim que me apresentou às páginas do jornal The New York Times como fonte de pesquisa. Aos meus queridos compadres Tarcila e Jonathan Bukhadt que gentilmente me hospedaram em sua residência nos Estados Unidos da América. Ao Historiador e respeitável amigo Arthur Victor, que me acompanhou durante a formatação do então projeto de pesquisa. A Júnior Honorato, Alicson Pereira, Carlos Augusto, Rafael Moraes, Anderson Rodrigues, Felipe Pedro e todos os bons amigos Tuparetamenses. Ao Cientista Político e amigo Roberto Numeriano pelo incentivo nessa publicação. A Geovanna Carneiro pelo carinho e atenção. E também ao nosso amado e abnegado Centro de Pesquisa e Documentação do Pajeú (CPDoc-Pajeú) juntamente com seus membros, que sempre estão dispostos a ajudar aqueles que pesquisam e se interessam pela nossa rica história.

Sumário

EPÍGRAFE.....	11
PREFÁCIO	
Aldo Manoel Branquinho Nunes.....	12
APRESENTAÇÃO.....	17
CAPÍTULO 1	
Um resumo da Parahyba e do Nordeste entre as décadas de 20 e 30.....	19
CAPÍTULO 2	
A Parahyba sob o governo de João Pessoa.....	23
CAPÍTULO 3	
Princesa, a origem:.....	27
CAPÍTULO 4	
A história da Revolta de Princesa contada a partir das matérias publicadas no jornal The New York Times (NYT).....	30
<i>4.1 Brasil Nega Revolta no Estado da Parahyba.....</i>	<i>36</i>
<i>4.2 40 Policiais Brasileiros Mortos por Rebeldes, Relatórios da Argentina.....</i>	<i>48</i>
<i>4.3 Rebelião No Brasil Reportado Perto Do Fim.....</i>	<i>55</i>
<i>4.4 38 Rebeldes foram mortos em confronto brasileiro.....</i>	<i>67</i>
<i>4.5. Força rebelde luta contra soldados brasileiros.....</i>	<i>75</i>

4.6 25 Morrem em confronto no Brasil.....	84
4.7 Voo para bombardear rebeldes na Parahyba, Brasil.....	95
4.8 Assassino Brasileiro escapa do linchamento.....	106
4.9 Um Morto, Vinte feridos em motins brasileiros após o assassinato do Presidente do Estado;.....	110
4.10 Tropas brasileiras capturam fortaleza rebelde no interior.....	114
4.11 Rebeldes brasileiros ativos.....	134
CAPÍTULO 5	
Destinos.....	141
BIBLIOGRAFIA RECOMENDADA.....	143

EPÍGRAFE

Paraíba do Norte, do caboclo forte,
Do homem disposto esperando chover,
Da gente que canta com água nos olhos,
Chorando e sorrindo, querendo viver,
Do sertão torrado, do gado magrinho,
Do açude sequinho, do céu tão azul,
Do velho sentado num banquinho velho,
Comendo com gosto um prato de angu,
Acende o cachimbo, dá uma tragada,
Não sabe de nada da vida do sul...
(**Paraíba** – Messia Holanda)

“Cidadãos de Princesa aguerrida,
Celebremos, com força e paixão,
A beleza invulgar dessa lida,
E a bravura sem par do Sertão!”

(**Marcha-Canção dos Legionários de Princesa** – Austro-Costa e Nelson Ferreira)

Vem um grito de dor da Parayhaba,
Se juntar ao lamento sertanejo,
Um matuto tocando um realejo,
Melancólico, com ar de despedida.
Pernambuco, a tristeza é sem medida
O Nordeste hoje chora sem parar,
Caetana sem dó veio buscar
E não disse o destino derradeiro,
Foi embora Ariano, O Cavaleiro
Para os braços da mãe *Compadecida*,
(**O Autor**, quando do falecimento de Ariano Suassuna).

PREFÁCIO

Este livro é resultado de um trabalho de responsabilidade! Os próprios nome e sobrenomes do autor (Hesdras Sérvulo Souto de Siqueira Campos Farias) não só são carregados de uma sonoridade e de uma metrificação poética alexandrina, como também carregam uma responsabilidade. Talvez nem o quisesse tê-la, mas quando se nasce num seio familiar em que indivíduos deixaram marcas indeléveis na história social, política e institucional de algum lugar, as responsabilidades de guardar a memória de um grupo de indivíduos (seja um clube, uma organização ou uma família) meio que são impostas a certos indivíduos, desde a tenra idade. Às vezes isso é traumático, quando a missão é dada por um legado familiar, sem a voluntariedade do legatário. Às vezes essa missão torna-se prazerosa, especialmente quando o interesse pela memória e pelos acontecimentos do passado correspondem à curiosidade que se desenvolve desde cedo. Acho que a última alternativa é a que melhor descreve o interesse de Hesdras pela história de sua família e pela história regional, especialmente desenvolvido quando de seu retorno, para morar em definitivo em Tuparetama, o que o fez devotar-se à criação, consolidação e funcionamento do Centro de Pesquisa e Documentação do PAJEÚ.

Digo isso porque Hesdras guarda parentesco direto com figuras importantes da história política local como Domingos José Alves de Siqueira, o Major Esperidião de Siqueira Campos, Domingos Alves de Siqueira e até mesmo com o Tenente Antônio de Siqueira Campos, uma das principais lideranças da Coluna Prestes e do Movimento Tenentista da Guanabara. Ele é neto de Severino Souto de Siqueira – o primeiro prefeito eleito e um dos responsáveis pela emancipação do município de Tuparetama - de quem recebeu a incumbência de guardar o arquivo, o acervo e a histórica casa situada na rua Coronel Manoel Benedito.

Sua formação em Ciências Sociais imbuiu uma responsabilidade ainda maior. A de separar o joio do trigo, entre um trabalho laudatório e um trabalho científico. E foi essa a responsabilidade assumida por Hesdras de saber lidar com a herança para debruçar-se de forma crítica e metódica (no sentido de ter-se utilizado de critérios científicos e escolhas teórico-metodológicas adequadas para o tema) sem se “contaminar”, ou envolver-se em demasia com nenhum dos lados desse tema que até hoje, pelo menos regionalmente, inflamam indivíduos, famílias e grupos de interesse no sentido de polarizar as movimentações políticas, especialmente no estado vizinho da Paraíba – A Revolta da Princesa.

Acho que é preciso distinguir entre a novidade (no sentido de inovar) e a originalidade. Esse trabalho

tem essas duas características. É novo, porque inovou, foi audacioso e competente em trabalhar com uma documentação que, no Brasil, nunca foi antes trabalhada para tratar desse tema que é muito caro à historiografia regional e nacional. E é original porque traz inscrito nas análises, interpretações e na forma de construir o texto as características que são próprias do autor. Em qualquer canto, em qualquer época, enfim, em qualquer texto com essas características, saberemos minimamente que tem o dedo, a mente, o fungado e o ajeitado do cabelo de Hesdras.

Nesse sentido, reitero a novidade. Desconheço quem, no Brasil e no mundo, tenha trabalhado em profundidade com a documentação produzida pelo jornal estadunidense *The New York Times* sobre a Revolta de Princesa. Tem-se obras renomadas, sejam de autores nacionais - como a de Joaquim Inojosa (mentor intelectual do Território de Princesa), a de Inês Caminha Lopes Rodrigues, a de João Lelis de Luna Freire, a de José Octávio de Arruda Melo - sejam de estrangeiros como a da estadunidense Linda Lewin, que lindamente debruçou-se sobre o tema da política de parentela e focou nos eventos que prenunciaram a Revolução de 1930, dentre eles, a Revolta de Princesa. Mas em nenhuma dessas obras, as onze reportagens que saíram no jornal sobre o bravo Território Livre de Princesa foram trabalhadas da forma aprofundada com que Hesdras as tratou ao

pesquisar exaustivamente e corretamente ordená-las, traduzi-las, interpretá-las e analisa-las.

O texto de Hesdras, seu esforço de pesquisa e sua análise, abrem um leque de possibilidades para uma linha de reflexão sobre a realidade brasileira e nordestina a partir das lentes e dos olhos dos Estados Unidos da América. Saber como os estadunidenses observavam e interpretavam os fenômenos políticos, sociais e econômicos ao longo da primeira República poderá nos ser útil para compreender como o “imperialismo informal” dos EUA estabeleceu-se e consolidou-se no momento em que vivenciava a crise de 29 e os acontecimentos históricos que culminaram na Segunda Guerra Mundial. Compreender como o Brasil, seu povo, seus problemas e suas disputas internas eram vistas pelos correspondentes do jornal ianque poderá nos dar subsídios empíricos a uma perspectiva de pesquisa divulgada por Jessé Sousa (2020) em sua obra mais recente, “A guerra contra o Brasil”.

Com a análise das reportagens trazidas à tona por Hesdras, é possível verificar um processo gradual de construção discursiva em torno da Revolta de Princesa (que a coloca num patamar de importância crescente com o passar do tempo) que transita de um mero relato associado à uma tentativa de minimizar a situação (quando explora a afirmativa de que era um fenômeno local e não ameaçava a integridade do estado brasileiro) até um discurso implícito de defesa

da ordem associado a um crítica indireta em relação aos participantes da revolta descritos e tratados pejorativamente como simples rendeiros agricultores e vaqueiros.

Afora todas as qualidades acadêmicas, o texto de Hesdras é esteticamente belo, bem ao modo dos poetas pajeuzeiros, é rico em poesia e musicalidade o que instiga à leitura tornando-a fluída, leve e divertida, além de apresentar uma importante iconografia que ilustra os acontecimentos históricos. Por ser um amante dos versos e da música regional, mas também por ser poeta, o autor floreia seu livro com estrofes suas e de um time respeitável de poetas: Messias Holanda, Austro-Costa, Nelson Ferreira, Humberto Teixeira, Luiz Gonzaga, Jandhui Dantas Nóbrega, Rui Grudi, Paulo Matricó, Zé Ramalho, João Paraibano, Ariano Suassuna, Inácio da Catingueira e Augusto dos Anjos.

Então, leitores, façam uma boa viagem de Nova Iorque a Princesa Isabel!

Aldo Manoel Branquinho Nunes,
Campina Grande (PB), maio de 2020.

APRESENTAÇÃO

Desde muito cedo sempre tive um gosto apurado para tudo que dizia respeito ao sertão, ao pajeú, ao nordeste. Nasci e me criei num chão rico de história e de cultura. Nascer no sertão do pajeú é mais que obra do acaso, é um verdadeiro privilégio. Esse amor pelo lugar, esse apego pela cultura, pelas lendas, pelos causos, pela culinária e pelo povo me tornou um eterno apaixonado por tudo que está circunscrito ao que chamamos de sertão nordestino.

A primeira vez que entrei em contato com a história da Guerra ou Revolta de Princesa foi no ano de 2013, 83 anos após o ocorrido, através do livro *A Heróica Resistência de Princesa*, escrito por José Gastão Cardoso, dado a mim por Paulo Medeiros Gastão, que viria se tornar um dos meus melhores amigos e incentivadores nas pesquisas devotadas ao sertão nordestino. A partir desse livro descobri esse evento que sacudiu o sertão paraibano em 1930, que ocorreu bem próximo ao meu local de nascimento, mas que nunca tinha ouvido falar. Comecei a ler e pesquisar mais sobre esse episódio e quanto mais descobria mais gostava do assunto.

Causou-me uma certa indignação por não ter estudado isso na escola. É curioso o nosso modelo de ensino da história, onde priorizamos o aprendizado sobre a guerra dos Hicsos contra os Egípcios, sobre a Guerra do Peloponeso, as Guerra Púnicas, a fundação

e a queda de Roma, as Cruzadas, as guerras do século XX e tantas outras mais. Todavia, não ensinamos e aprendemos nas escolas do Brasil sobre, por exemplo, a Guerra de Canudos, a Sedição do Juazeiro sobre a égide do Padre Cícero, o massacre no Caldeirão do Beato José Lourenço, a Guerra de Princesa, o Cangaceirismo e tantos outros movimentos político-sociais ocorridos nos sertões do Nordeste Brasileiro.

Talvez o Brasil precise criar uma espécie de historiografia nordestina, pois há muito que se pesquisar, estudar e escrever sobre nossa pátria chamada Nordeste.

É nesse chão de tantas lutas, revoltas, guerras, suor e sangue, que este trabalho oferece uma pequena e nova contribuição ao estudo da Revolta de Princesa, que foi um movimento armado ocorrido em 1930 no sertão paraibano e que contou com a participação direta de uma parcela de sua população.

Longe de ser um episódio perdido no interior do nordeste, o movimento sedicioso de Princesa chamou bastante atenção, inclusive internacionalmente, como vemos nos meios de comunicação¹ da época e teve uma grande importância para acelerar a revolução de 1930 no Brasil (RODRIGUES, 1981).

¹ Referimo-nos aos jornais *A União* – PB e o *Jornal do Commercio* - PE, fontes riquíssimas de informações sobre o ocorrido na Paraíba, apesar de ambos estarem envolvidos diretamente no conflito, mas em lados opostos. No contexto internacional quem noticiou a Revolta foi o jornal norte americano *The New York Times*, como veremos posteriormente.

CAPÍTULO 1

UM RESUMO DA PARAÍBA E DO NORDESTE ENTRE AS DÉCADAS DE 20 E 30;

O Brasil, até 1930, era permeado por um velho sistema político² que se mantinha desde a Proclamação da República e já não suportava mais ficar inalterado. O país crescia e urbanizava-se, e embora as oligarquias rurais continuassem a ser a base econômica e a força política do país, surgiam novos grupos, as chamadas elites urbanas, formadas por intelectuais e profissionais liberais, além dos trabalhadores e operários que aumentavam em número nas grandes cidades do Brasil.

Esses novos grupos começavam a questionar a velha política oligárquica baseada na força dos estados, notadamente Minas Gerais e São Paulo, que eram economicamente mais fortes. A velha política já não dinamizava a nova realidade brasileira, mas pelo contrário, estava atrasando-a (FAUSTO, 1982).

A estrutura política brasileira funcionava em torno de partidos estaduais e disputas locais. As

² Historiadores costumam dividir a Primeira República em dois períodos. O primeiro, chamado de "República da Espada", foi dominado por setores ligados ao Exército, apoiados pelos republicanos. O segundo período ficou conhecido como "República Oligárquica ou das Oligarquias", e se estendeu até Revolução de 1930.

divergências entre as oligarquias, em diversos níveis, era fator de conflitos e disputas em torno das eleições presidenciais, que em geral deveria equilibrar os interesses das diversas oligarquias estaduais. A partir da insatisfação com esse panorama político surgiu o movimento tenentista, formados por militares, em sua maioria, do Exército, que sonhavam com um tipo de república centralizada, unificada e forte, alheia ao sistema de alianças vigentes com base nas elites locais.

O sistema político brasileiro da época era dominado pelo setor agrário, voltado para a exportação, e com a crise de 1929, começa a perder espaço. Isso porque o Brasil já começava a se industrializar e se modernizar desde a Primeira Guerra Mundial, deixando assim à margem desse processo as oligarquias regionais, que comandavam a política em alguns estados brasileiros.

Com a queda da Bolsa de Valores de Nova Iorque, no referido ano, a crise financeira é acentuada devido à superprodução cafeeira e a uma política de valorização do café criada pelo governo. Da mesma forma, a crise política começa a crescer. Acordos políticos existentes entre as oligarquias que controlavam de forma alternada o país desde o início da República, começam a se fragmentar. Nas eleições de 1930, as oligarquias paulistas desafiam a política do café-com-leite - acordo político que visava à predominância alternada do poder nacional entre as oligarquias paulista e mineira - e decidem permanecer

no controle do governo, quando a vez seria dos mineiros assumirem o poder. O presidente Washington Luís, um paulista, indica Júlio Prestes, outro paulista, como candidato à sua sucessão (FAUSTO, 1982).

Minas Gerais passou a fazer oposição a São Paulo e alia-se ao Rio Grande do Sul e à Paraíba. Os três Estados formaram a Aliança Liberal que, além das elites agrárias, também reunia militares e setores das classes médias urbanas. O gaúcho Getúlio Vargas é escolhido para concorrer à Presidência, tendo como vice o paraibano João Pessoa. A campanha eleitoral mobilizou todo o país. Júlio Prestes acabou sendo eleito presidente em 1º de março de 1930, mas não chegou a assumir o cargo. Uma série de fatores, que Decca (1994) chamou de “diversas microrrevoluções”, concorrera para a revolução de 1930.

É nesse contexto de crises e lutas entre as oligarquias estaduais pelo poder central do país que se encontrava a Paraíba durante os anos 30. Por ser membro da Aliança Liberal, o governador João Pessoa Cavalcanti de Albuquerque, tinha ideias modernizadoras para o Estado. Tentou

desmontar, de uma cajadada, as máquinas interioranas tradicionais dos chefes políticos do estado; invadira lares, à procura de armas proibidas, ocupando cidades inesperadamente; removera funcionários sem qualquer consulta aos seus protetores, criara impostos extorsivos (INOJOSA, 1980, p. 63).

Essas atitudes iriam desembocar num conflito armado entre a cidade de Princesa, reduto eleitoral do deputado José Pereira Lima e forte aliado político de Epiácio Pessoa, contra o Estado da Paraíba, sob o comando de João Pessoa, sobrinho de Epiácio Pessoa (ALMEIDA, 1968).

CAPÍTULO 2

A PARAHYBA SOB O GOVERNO DE JOÃO PESSOA

O Brasil dos anos 30 vivenciou um momento marcante e de importantes transformações da política nacional. Foi nesse período que chegou ao fim a Primeira República, enfraquecendo o poder das oligarquias e a hegemonia da elite cafeeira, que detinham o controle político do Brasil (PEREIRA, 2000).

A República Velha, como também ficou conhecido esse período, foi marcado pelas práticas da política coronelista que consistia numa política fortemente descentralizada e baseada em grandes latifundiários. No Nordeste, principalmente, esse regime era imposto à população, notadamente, do interior, o que Inês Rodrigues (1978) e Maria Izaura Queiroz (1976) chamaram de “mandonismo local”, onde os chamados coronéis mandavam e desmandavam nas suas zonas de influência econômica e política.

As origens do coronelismo remontam ao sistema colonial, estabelecido a partir do século XVI baseado na cultura do açúcar. Esse fenômeno tem sido posto, na maioria dos trabalhos acadêmicos, como sendo algo resultante da existência de grandes propriedades de terras aliada a uma forte tradição familiar. Maria

Isaura Queiroz (1976) acredita que o sistema coronelista é circunscrito em termo de uma economia autossuficiente. Tal fenômeno não é particularidade de uma região específica do Brasil. Dessa forma, não há um único tipo de coronel. Temos o “caudilho³” da região Sul, o coronel do cacau no recôncavo baiano, o coronel da cana-de-açúcar, o coronel do sertão pecuarista e outros no norte do país. O que havia em comum entre eles era, num contexto amplo, a existência dentro do mesmo sistema político, econômico e social brasileiro. (SÁ, 1974)

O tipo de coronel aqui tratado é o do sertão pecuarista e algodoeiro. Durante a colonização dos rincões dos sertões, o domínio econômico implicava no domínio das decisões políticas.

No interior dos estados nordestinos havia uma espécie de autonomia local dos fazendeiros, os conhecidos “coronéis”, que desfrutavam de liberdade de “mandar” e “desmandar” nas de suas áreas de influência e domínio, uma vez que as primeiras povoações sertanejas surgiram “em torno das maiores fazendas da região, localizadas às margens do rio São Francisco e seus afluentes” (SÁ, 1974. p. 25).

A liderança do coronel ia do nível econômico ao social e político. No âmbito econômico e social,

³ Em geral, Caudilhos são lideranças políticas carismáticas ligadas aos setores tradicionais da sociedade (fazendeiros, militares) cujo seu poder está muito ligado ao seu carisma. Costumam ter sua própria força militar e são geralmente pessoas ligadas às Oligarquias.

ocorria a dependência do trabalhador rural por estar ligado de alguma forma ao coronel, detentor do poder econômico. O coronel tinha o poder de manipular e controlar o âmbito político por ter os votos dos trabalhadores rurais que dependiam dele. Eram esses votos numericamente altos que interessava o poder central. Sobre esse último fator, Victor Nunes Leal (1975) vai dizer que o coronelismo seria uma espécie de trocar de proveitos entre o poder público, que paulatinamente se fortalecia, com a decadente influencia social dos senhores de terras, os velhos chefes locais.

Neste sistema estava inserido o coronel sertanejo José Pereira de Lima (filho de Marcolino Pereira Lima, ex-chefe político de Princesa). José Pereira Lima ingressou na Faculdade de Direito de Recife, mas abandonou os estudos em 1905, durante o segundo ano, após a morte de seu pai. Foi então que ele assumiu a chefia política do município de Princesa, tornando-se um importante “coronel”, o maior da Paraíba e um dos maiores do Nordeste.

Em 1915, José Pereira forneceu importante apoio para a vitória de Epitácio Pessoa nas eleições ao governo da Paraíba. Membro do Partido Republicano da Paraíba (PRP), também atuou fortemente nos governos de Solon de Lucena (1920-24) e de João Suassuna (1924-28), ajudando os governos no combate ao cangaço e à Coluna Presta, quando essa passou pela Paraíba. Foi o responsável por grandes

obras públicas na sua cidade, fruto da paixão que tinha por ela.

Em 1928, apoiou a candidatura de João Pessoa, lançada por seu partido ao governo do estado. Todavia, já eleito, João Pessoa passou a fazer certas reformas, como a política tributária, que foram de encontro a seus interesses e os de outros coronéis do interior paraibano. Grandes comerciantes, como a família Pessoa de Queirós, também se sentiram prejudicados com a política econômica adotada de João Pessoa, foi então que ele começou a sofrer a oposição dos seus antigos aliados.

José Pereira Lima, também conhecido como Zé Pereira, notabilizou-se como sendo o maior líder político da cidade de Princesa, fio condutor da revolta ocorrida em 1930, em que se enfrentaram as tropas da polícia paraibana contra grupos armados compostos por uma parcela da população de Princesa.

CAPÍTULO 3

PRINCESA, A ORIGEM

Princesa foi um núcleo de povoação sertaneja que remonta aos anos de 1859, cuja primeira construção foi uma pequena capela, ao redor da Lagoa da Perdição, para Nossa Senhora do Bom Conselho, que acabou originando o primeiro nome do local. Os primeiros habitantes do local foram o Padre Francisco Tavares Arcoverde e Dona Natália do Espírito Santo.

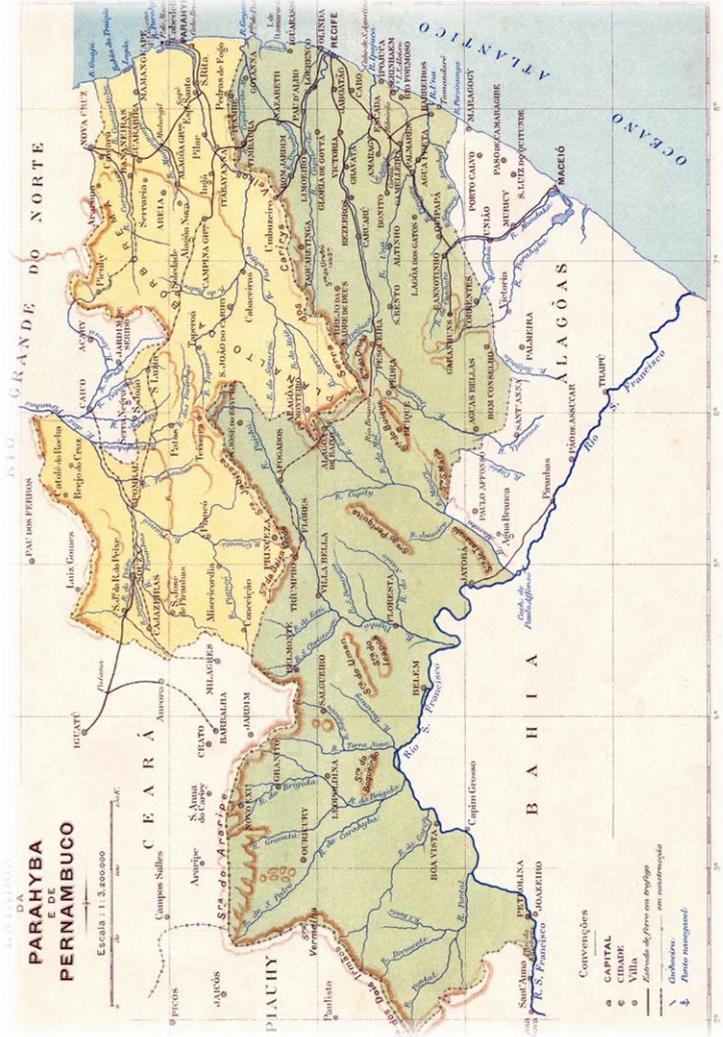
Por volta de 1875, o arraial conhecido também como Fazenda de Dona Natália, foi elevado, através da Lei 596 de 26 de novembro de 1875, à categoria de Freguesia de Nossa Senhora do Bom Conselho, que posteriormente passa a se chamar Princesa⁴, e quatro anos depois a Lei 596 acabou sendo revogada pela Lei 659 de 5 de fevereiro de 1879.

Em 1883, a Freguesia anteriormente criada vira Comarca através da Lei 751 de 27 de novembro do mesmo ano e classificada de 1ª Entrância em 16 de maio de 1900, através do Decreto 155 de 1900. Somente em 1921, através da Lei 540 de 18 de novembro do dito ano, 50 anos depois da primeira

⁴ A Denominação de '*Princesa*' foi ideia do chefe político local, com grande influência, Marcolino Pereira Lima (Coronel Marcolino), que era do Partido Conservador e quis homenagear a filha mais velha de D. Pedro II. (MARIANO, 2010. p. 39).

povoação, é que Princesa viria a se tornar cidade. Em divisões territoriais datadas de 31-XII-1936 e 31-XII-1937, o município aparece constituído de 5 distritos: Princesa, Barra, Alagoa Nova, Água Branca e Tavares. Não figurando os distritos de Belém e São José. Pelo decreto-lei nº 1164, de 15-11-1938, o município de Princesa passou a denominar-se Princesa Isabel, os distritos de Alagoa Nova a denominar-se Manaíra e Barra a denominar-se Ibiapina. (IBGE; CARDOSO, 1954; LUCENA, 2005; MARIANO, 2010).

A cidade de Princesa Isabel, fica situada na Serra da Borborema, a 425 km da Capital Paraibana, fazendo fronteira com Pernambuco pelas cidades de Triunfo, Flores, e Quixaba.



Fonte: <https://www.brasil-turismo.com/pernambuco/mapas/imagens/paraiba-pernambuco.jpg>

CAPÍTULO 4

A HISTÓRIA DA REVOLTA DE PRINCESA CONTADA A PARTIR DAS MATÉRIAS PUBLICADAS NO JORNAL THE NEW YORK TIMES (NYT);

A Revolta de Princesa foi um movimento que aconteceu num período de transição dos anos 20 para os 30. Iniciado em 28 de fevereiro de 1930, através do rompimento político-partidário entre o deputado José Pereira Lima, conhecido como coronel⁵ Zé Pereira, e o Governador do Estado da Paraíba, João Pessoa Cavalcanti de Albuquerque, a revolta se estendeu até o dia 26 de julho daquele mesmo ano.

Segundo a professora e pesquisadora Inês Rodrigues, um dos motivos foi “a própria investidura de João Pessoa no governo do estado” (1981. p, 7), dois anos antes, onde, imbuído de um demasiado idealismo e disposto a corrigir os “grandes vícios” da política daquele Estado, (ALMEIDA, 1968; RODRIGUES, 1978.), propõe a si mesmo desencadear uma campanha de moralização dos costumes para “purificar a vida pública, rebaixada por figuras sem significação e aproveitadores gulosos”, exigindo

⁵ O termo *coronel* vem da extinta Guarda Nacional imperial, que lutou nas guerras do Prata, do Uruguai e do Paraguai entre os anos de 1851 e 1870, tendo se tornado meramente decorativo depois disso, sendo abolida na República Velha.

“carta branca” do seu tio Eptácio Pessoa para tal tarefa (ALMEIDA, 1968. p, 30).

Muitos dos presentes no dia da sua posse acharam radicais suas palavras, por propor modificações drásticas para o Estado, como, por exemplo, uma reforma tributária (RODRIGUES, 1981).

No seu discurso de posse, tocou no assunto do banditismo, que era presente naquela época em todo o Nordeste, numa tentativa sutil de diminuir o prestígio dos “coronéis” junto a esses. Assim discursou:

Não trago a convicção de extinguir o cangaceiro nos nossos sertões; mas venho com o propósito de não lhes dar tréguas, esteja onde estiver e seja quem for o seu protetor ou seu homiziador. Quem se sentir humilhado pela ação da polícia, que o acolha em suas casas e propriedades. O cangaceiro é o produto da falta de justiça e da nossa viciada educação política feita em gerações sucessivas. *Jornal A União*, 23 out 1928, p.1 apud LELIS, 2000. p. 24)

Isso não foi visto com bons olhos por alguns coronéis da localidade, que mantinham estreitas ligações com diversos cangaceiros. Essa medida fazia parte de um plano envolvendo

cinco itens básicos: reativar, fazer valer, um convênio de combate ao cangaceirismo existente entre os Estados nordestinos; moralizar a Força

Pública; proceder ao desarmamento geral; eliminar dos júris a ação perniciosa dos “coronéis”; e proibir taxativamente a venda de armas (RODRIGUES, 1981. p. 32).

A guerra entre as forças princesenses e as tropas do governo estadual merece uma atenção especial, não apenas por ter sido um conflito armado entre o Estado e uma cidade, mas entre tropas oficiais treinadas e uma parcela da população que resolveu defender sua cidade.

É importante ressaltar que, durante a revolta, no dia 9 de junho de 1930, Princesa declara-se independente do Estado da Paraíba, passando a se chamar Território Livre de Princesa. (ALMEIDA, 1968; INOJOSA, 1980; LELIS, 2000; RODRIGUES, 1978).

O presente trabalho tem, só e somente só, a pretensão de contar a história de luta armada ocorrida no sertão paraibano a partir do que foi noticiado pelo jornal norte-americano *The New York Times*, hora esclarecendo ou hora retificando algumas informações, caso seja necessário. É importante frisarmos também que as notícias publicadas nos EUA podem não seguir uma ordem cronológica dos fatos acontecidos durante a revolta. Nosso intuito maior é mostrar a dimensão do ocorrido e o que foi abordado pela mídia internacional, no caso em tela, o *New York Times* impresso na cidade de Nova Iorque, distante 6.525,56 km de Princesa.

A primeira notícia publicada no jornal *The New York Times* foi no dia 10 de abril de 1930, na página 8, um pouco mais de um mês após a revolta ter iniciado.

1º NOTÍCIA

*“Êta pau Pereira,
Que em Princesa já roncou,
Êta Paraíba,
Muié macho sim sinhô”*
(**Paraíba** – Humberto Teixeira e Luiz Gonzaga)

BRAZIL DENIES REVOLT IN STATE OF PARAHYBA

end, because the situation in Parahyba is regarded more as outlaw activity than as political disturbance.

Movement Reported in Buenos Aires Discounted as Quarrel of Local Political Chiefs.

RIO DE JANEIRO, April 9 (AP).—Reports published in Buenos Aires of a revolutionary movement in the State of Parahyba, Brazil, were authoritatively denied here today.

Political chiefs in opposition to the State Government have been carrying on a quasi-armed conflict for some time in the region of Princeza on the border of the State of Pernambuco, but their movement is described as entirely local and not aimed against the Federal Government.

There have been reports here that unless the Parahyba State police control the situation within a reasonable time, Federal troops will be sent to insure entire tranquility. No move thus far has been taken to this

The New York Times
Published: April 10, 1930
Copyright © The New York Times

4.1 Brasil nega revolta no estado da Parahyba

Moviment relatado em Buenos Aires descontado como briga de chefes políticos locais.

RIO DE JANEIRO; '9 de abril (AP⁶)- Relatórios publicados em Buenos Aires de um movimento revolucionário no Estado da Parahyba, Brasil, foram negados com autoridade aqui hoje.

Chefes políticos em oposição ao Governo do Estado vêm realizando um conflito quase armado há algum tempo na região de Princeza na fronteira do Estado de Pernambuco, mas seu movimento é descrito como inteiramente local e não voltado contra o governo federal.

Há relatos aqui de que, a menos que a polícia do estado da Parahyba controle a situação dentro de um prazo razoável, tropas federais serão enviadas para garantir total tranqüilidade. Até agora, nenhum movimento foi dado a esse fim, porque sua situação na Parahyba é considerada mais uma atividade fora da lei do que uma perturbação política⁷.

⁶ A Associated Press (AP) é uma cooperativa cujos proprietários são os jornais e estações de rádio e televisão norte-americanas que contribuem para a Associated Press.

⁷ Optamos por uma tradução livre de todas as matérias para dá celeridade à escrita deste trabalho.

The New York Times

Publicado em: 10 de abril de 1930

Direitos autorais © The New York Times

A matéria acima relata que a situação estava a ponto de haver embates entres as forças da polícia paraibana com as tropas de José Pereira Lima. Na verdade, já tinha acontecido as primeiras refregas quando o Governo Estadual manda a força policial invadir a cidade de Teixeira, reduto eleitoral da família Dantas⁸, às vésperas do pleito eleitoral de 1930, e logo após José Pereira romper politicamente com o governador João Pessoa de Albuquerque.

Joaquim Inojosa, na sua obra *A República de Princesa (José Pereira X João Pessoa – 1930)*, assim se refere ao fato supracitado:

No dia em que a polícia paraibana ocupou Teixeira, não para um simples ato de presença preventiva, mas desde logo prendendo e espancando, de preferência os mais graduados, e com 70 homens – o que era de se estranhar se se tratasse de um policiamento de rotina de pequena povoação -, começou a reação da bravura ameaçada. No mesmo instante José Pereira, compreendendo o alvo do desafio, aconselhou os amigos dos outros municípios que pusessem as barbas de molho e se

⁸ A Família Dantas é uma das grandes famílias tradicionais da Paraíba. Sua influência política se estendia por várias cidades do cariri paraibano, como Patos, Imaculada, Maturéia, Mãe D'água, a própria Teixeira e as cidadezinhas adjacentes.

organizassem, enfrentando desde logo os invasores. Nas proximidades já se encontrava o capitão João Costa, com 150 homens, justificando a previsão. Acorreram eles, e mais os que vieram de Princesa, num total de 100 homens, atingindo os arredores de Teixeira, por onde se travaram os primeiros combates do que viria a ser a luta de dois caudilhos – a República de Princesa. E somente abandonaram o cerco realizado, em face a ameaça policial de fuzilamento dos prisioneiros (1980. p. 140).

A polícia paraibana chegou a Teixeira por volta das 5 horas da manhã do dia 28 de fevereiro de 1930, atirando a esmo, com o intuito de causar pânico na cidade. A tropa era comandada pelo 2º Tenente Ascendino Ferreira, que já era um desafeto da família Dantas. A primeira atitude do tenente Ascendino ao entrar em Teixeira foi se dirigir à casa o senhor Silveira Dantas com todo o seu pelotão. Esse é intimado a se entregar, o que não é obedecido. O tenente então manda a tropa atirar em direção à casa de Silveira Dantas.

De acordo com a professora Inês Rodrigues, dentro da residência havia somente Silveira Dantas e uma senhora chamada Bezé, “uma negra disposta e valente filha de antigos escravos” (1978. p. 105), que juntos responderam aos tiros da tropa de Ascendino Ferreira.

Com a tropa estava o soldado João da Macha - braço direito do tenente Ascendino - que gostava de

sangrar as pessoas que eram presas por eles, e “foi levado a Teixeira para sangrar Silveira Dantas” (LUCENA, 2005. p. 45). Dizem que ele gostava tanto de assassinar os presos que “chegou a devolver as fitas de Cabo dadas pelo comandante, porque o importante na sua carreira militar eram os pescoços dos inimigos”. (op.cit. 45).

Em outra casa pertencente à família Dantas, uma mais antiga, que tinha dado origem à vila que formou Teixeira, se encontrava os senhores Manuel Dantas Vilar e Joaquim Duarte Dantas, além de duas senhoras, Maria Dantas Wanderley e Ernestina Torres Dantas. Após ouvirem os estampidos dos tiros perceberam que era a polícia atacando, então Joaquim Duarte Dantas sai em busca de reforços.

Apesar do grande número de soldados atirando contra Silveira Dantas e Dona Bezé, que se encontravam abrigados dentro da casa e revidando o fogo, a dupla não se entregou. O tenente Ascendino então vai em direção à outra casa dos Dantas, prendendo o senhor Manuel Dantas Vilar e boa parte de sua família.

O escritor e dramaturgo Ariano Suassuna⁹, assim descreveu esse fatídico episódio envolvendo seus familiares e o tenente Ascendino, durante o ataque da polícia a Teixeira:

⁹ Ariano Suassuna era filho João Urbano Pessoa de Vasconcelos Suassuna (ex-governador da Paraíba) e Rita Dantas Vilar (irmã de Manuel Dantas Vilar).

prende minha tia Ernestina, minha tia-avó, Tia Cota, e meu tio Manuel Dantas Vilar, que estava desarmado. Levou-os para a Cadeia e começou a ameaça-los com a degola, coisa que era useiro e vezeiro. Vendo isso, o Tenente João Pereira, que até aquele dia, fora Delegado em Teixeira, e que era um homem bom e ponderado, aproximou-se da casa de Silveira Dantas. Fez a este um apelo: Silveira se entregaria preso a ele, João Pereira, e não a Ascendino Feitosa, seu inimigo pessoal; assim, se evitaria que Tia Cota, Ernestina e Tio Dantas fossem degolados. Ao mesmo tempo Silveira seria poupado da humilhação de ser preso por Ascendino Feitosa, seu inimigo pessoal. Ascendino, consultado antes, concordava com a solução, o que foi comunicado a Silveira Dantas. Então, este vendo-se com a munição esgotada, abriu a porta da sua casa e entregou-se ao Tenente João Pereira. Este, porém, como todo homem leal, contava com a lealdade dos outros, e viu-se, sem querer, na qualidade de instrumento da infâmia de outro: porque assim que Ascendino Feitosa viu Silveira Dantas desarmado, mandou que seus soldados o agarrassem e ele foi trancafiado com seus outros parentes, na Cadeia de Teixeira. (RODRIGUES, 1978. p.106)

Esse ataque aos Dantas em Teixeira deve ter causado um grande espanto às elites políticas sertanejas, uma vez que os Dantas desfrutavam de grande prestígio e respeito. Talvez o intuito de João Pessoa tenha sido justamente mostrar que tinha força política para governar a Paraíba como bem desejasse.

Quem também relatou a invasão à Teixeira pelas tropas de Ascendino Feitosa com riqueza de detalhes foi Joaquim Moreira Caldas:

Teixeira, como villa sertaneja, atravessava aquella calma, comum da estação, que não é da colheita do “ouro branco”. Sua população, na maior parte, entregava-se aos labores do replantio do algodão e da póda que costumam fazer, para dar maior vigor aos seus rebentos. Vivia a sua população aquella existência de calma e de marasmo completo, não podendo advinhar que, horas depois, o seu recanto teria de ser teatro de acontecimentos atrozes de selvagerias inconcebíveis, por ordem dos dirigentes do Estado. E, na madrugada de 28 de fevereiro, véspera das eleições, dava-se o assalto intempestivo da Força Policial do Sr. João Pessoa áquella villa, que, para sua garantia, contava, apenas, com um pequeno destacamento de 15 homens, sob o comando do tenente, Sr. João Peireira, delegado local, official pacato que gozava de todo o prestígio e conceito entre seus habitantes. A tropa, que vinha sob as ordens do atrabiliario tenente Ascendino Feitosa, delegado de polícia de Campina Grande, saltára os caminhões, que haviam conduzido, a dois quilômetros de Teixeira. Durante meia chora consecutiva só ouviam os seus habitantes o estalido secco das balas assassinas da polícia parahybana. Era simplesmente uma encenação para ser estabelecido o pânico. Penetrando, depois, na villa, mandou antes, cumprindo ordens que levava, intimar para vir à sua presença ao Sr. Manoel Silveira Dantas.

Revoltado pela recusa do intimado, que de prompto não o quis atender, dispoz a sua tropa em linha de combate e, durante três horas sem cessar, sustentou um cerrado tiroteio contra a casa do seu inimigo pessoal e adversário do governo.

Provocado tão insolentemente, não teve outro recurso senão o da reacção. E, enquanto mandava alvejar a casa de seu desaffectedo, violentamente, sem se fazer anunciar, penetrava da residência do Sr. Duarte Dantas, de lá arrastando, tiradas por elle próprio – que innominavel audácia! – do próprio leio em que dormiam, duas senhoras de avançada idade, conduzindo-as, debaixo de impropérios para a cadeia local, onde, em promiscuidade com criminoso de morte, ficaram detidas, respondendo suas vidas por qualquer accidente que lhe acontecesse.

Aconselhado pelo tenente João Pereira, delegado local, que lhe garantiu poupar a vida, entregou-se o Sr. Silveira Dantas. Não obstante a palavra emprenhada da autoridade de Teixeira, foi, comtudo ameaçado de ser, naquella noite fuzilado, conforme ordens que havia recebido do Sr. João Pessôa, e expressas em telegramma nestes termos concebido e que elle não se cançava de mostrar: “Todo membro família Dantas, que encontrar com armas na mão, fuzile” (2008. p. 63 e 64; CARDOSO, 1954. p. 33 e 34).

O chefe político de Teixeira à época, o senhor José Duarte Dantas, não estava na cidade quando as

tropas do governo paraibano invadiram o local. Ao saber do acontecido, ele arregimenta cerca de duzentos homens, alguns desses, homens do coronel José Pereira, e cercam Teixeira. Os boatos também diziam que Jacinto Dantas estava indo em socorro à sua família com cento e cinquenta homens oriundos da Fazenda São Paulo¹⁰ (LUCENA, 2005).

Cercado, o tenente Ascendino Ferreira é intimado a entregar os prisioneiros que ele havia feito. Então ele envia dois emissários, um deles o Padre Antônio Trigueiro, vigário de Teixeira, para negociarem. O padre volta, mas o outro emissário fica preso até que as ordens sejam cumpridas. Todos os prisioneiros são soltos e os Dantas e suas aliados partem rumo à Imaculada.

Sobre a invasão a Teixeira, o Jornal *A União*, órgão oficial do governo da paraíba, publica no dia 1º de março de 1930 a seguinte matéria: *“Hontem, pela manhã, a Secretaria de Segurança Pública recebeu um telegrama do tenente Ascendino Feitosa, comunicando que ao entrar em Teixeira fora recebido a bala por um grupo chefiado pelo sr. Silveira Dantas. A agressão foi naturalmente repelida, sendo os perturbadores desarmados e presos...”*. Porém, a verdade era outra, como já vimos.

O intuito do governo paraibano ao invadir Teixeira era uma demonstração clara de força e talvez uma intimidação aos chefes políticos sertanejos, no caso em tela a família Dantas, uma vez que Teixeira

¹⁰ Localizada no município de Prata-PB.

era seu reduto eleitoral. Ao ajudar os Dantas a sair da humilhação a qual foram submetidos, José Pereira já poderia imaginar que seria o próximo alvo do governo de João Pessoa.

O coronel José Pereira não perdeu tempo e precaveu-se, começou a montar um esquema de proteção porque sabia que “sua” cidade seria o próximo alvo. Algumas estradas foram bloqueadas e alguns piquetes foram feitos até a cidade de Princesa.

A conhecida *Revolta de Princesa* estava para começar tendo a invasão à cidade de Teixeira e a humilhação à família Dantas como seu estopim. Podemos dizer que o primeiro “tiro” dessa convulsão que iria acontecer no sertão paraibano foi dado com a invasão repentina e violenta à Teixeira, pela força pública paraibana a mando do Chefe do Executivo, o senhor João Pessoa.



O coronel José Pereira (número 3) e os combatentes de Princesa.
Foto: Reprodução.

2º NOTÍCIA

*“Episódio inusitado,
Na história do país,
Em que se vê uma cidade,
Que do seu Estado quis,
Separar-se para ser,
Dona do próprio nariz”*

(Viagem aos 80 anos da Revolta de Princesa –
Janduhi Dantas Nóbrega)

40 Brazilian Policemen Killed By Rebels, Argentina Reports

By The Associated Press.

BUENOS AIRES, May 1.—A news agency report from Parahyba, Brazil, today stated that forty provincial policemen had been killed in ambush by rebels near Princeza.

Police casualties in the past few days were said to total fifty dead. The trouble is wholly a State affair, originating locally, and does not affect the Federal Government of Brazil.

The New York Times

Published: May 2, 1930

Copyright © The New York Times

4.2. 40 Policiais brasileiros mortos por rebeldes, relatórios da Argentina.

Pela Associated Press.

BUENOS AIRES, 1º de maio - O relatório da agência de notícias da Parahyba, Brasil, afirmou que quarenta policiais da província foram mortos em emboscada por rebeldes perto de Princeza.

As baixas policiais nos últimos dias totalizaram cinquenta mortos. O problema é inteiramente um caso de Estado, de origem local e não afeta o Governo Federal do Brasil.

The New York Times

Publicado em: 2 de maio de 1930

Direitos autorais © The New York Times

Essa notícia foi publicada da capa do Jornal *The News York Times* no dia 2 de maio de 1930.

O fato que gerou essa notícia começa com a saída das tropas da polícia paraibana de Teixeira em perseguição às tropas de José Pereira, que teriam prestado auxílio aos Dantas. A polícia estava comandada pelo Tenente João Costa, que na manhã do dia 6 de março de 1930, telegrafa ao delegado geral Severino Procópio comunicando-lhe dos fatos ocorridos em Teixeira e lhe dizendo que iria invadir Princesa, passando por Imaculada.

Formando uma Coluna junto ao tenente João Costa estavam José Guedes, Severino Alves Lira e

Elias Fernandes, todos esses segundos tenentes, além de mais de 110 homens. (LUCENA, 2005; INOJOSA, 1980)

O escritor paraibano João Lélis assim descreveu a formação dessa Coluna:

A chegada dos tenentes Lira e Guedes foi motivo de grande júbilo para a tropa. Tinham ambos comprovada capacidade de luta, possuídos de espírito de sacrifício, e nada conspirava contra a esperança de uma colaboração das mais preciosas. Ajuntava-se a esse fato auspicioso a incorporação do tenente Elias Fernandes, com uma fé de ofício digna de elogio. A legalidade contava com elementos dessa envergadura para aquele momento (2000, p.74).

No dia 8 de março a Coluna Leste, como passou a ser designada a tropa, chega ao então povoado de Imaculada e se depara com um grupo de homens de José Pereira travando um tiroteio que durou em torno de 4 ou 5 horas. As tropas governistas saem vitoriosas nessa refrega. Após a vitória,

dirigiu-se o tenente Costa, por carta, ao delegado-geral, então à frente do movimento de repressão, e nesse tempo estacionado em Patos, narrando-lhe os pormenores da luta até aqui levada a cabo, e enviando-lhe um esquete com o delineamento que compreendia o total das operações (op. cit. p. 97).

A polícia paraibana segue em direção a Água Branca, na época, povoado de Princesa, chegando ao local no dia 24 de março.

Mais uma vez a força pública da paraíba sai vencedora, fazendo os revoltosos fugirem. Tanto em Imaculada quanto em Água Branca, a Coluna Leste tinha deixado homens fazendo a segurança desses locais para evitar possíveis ataques.

Na manhã do dia 27 de março a Coluna Leste marcha em direção a Tavares, esperando a Coluna Norte, comandada por Irineu Rangel cujo contingente policial contava com 150 homens. Entretanto, antes da Coluna Norte encontrar a Coluna Leste do tenente João Costa, a Coluna Norte é emboscada por um outro grupo das tropas de Princesa no povoado de Serra Banca. Os combatentes princesenses eram comandados pelo agricultor José Pessoa, que após ter sua casa incendiada alista-se para defender princesa.

Nesse combate, a polícia paraibana sofreu 6 baixas e alguns feridos. O pessoal de Princesa nada sofreu (LELIS, 2000; INOJOSA 1980). Poucos dias depois, as tropas de Irineu Rangel e João Costa se agrupam e rumam a Tavares. Os homens de José Pereira, sob o comando de Luiz do Triângulo, Ronco Grosso, João Paulino e Cícero Bezerra já estavam em Tavares quando a força pública sitiou a cidade, ocorrendo um intenso combate que durou por volta

de 36 horas¹¹. A polícia conseguiu “tomar a igreja, e daí, visto ficar esta num alto, ocupar Tavares” (INOJOSA, 1980. p. 154).

No dia 30 de março a tropa de José Pereira que estava em Tavares bate em retirada para os arredores da cidade onde ficam alojados. Mas apesar da polícia ter dominado Tavares, acabou ficando sitiada devido a geografia da cidade, que é arroteada de elevações. Isso deu aos princesenses uma grande vantagem no teatro das operações, deixando as forças policiais

nas condições mais adversas: pouca munição, grande escassez de alimentos (contava principalmente com milho estocado nas casas, além de um pouco de feijão e alguma rês eventualmente desgarrada, devorada sem sal), sem meios de comunicação, pouca água (que só podia ser recolhida a noite numa área muito perigosa, pois a única cacimba disponível ficava além dos limites de segurança). Fustigados por uma peste de pulgas que se aliava ao frio da região serrana e à falta de cobertores, não dispunham de condições para dormir com o mínimo de conforto.

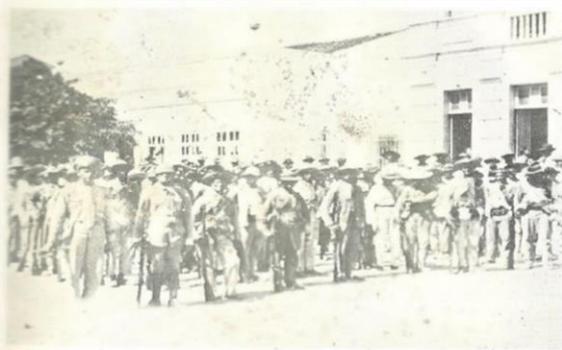
Era a intenção dos revoltosos conseguir a rendição através da fome. Várias tentativas foram feitas para o remunciamiento dos sitiados, todas elas frustradas até que o capitão Irineu Rangel consegue furar o bloqueio após 18 dias de cerco (RODRIGUES, 1981, p. 36).

¹¹ Joaquim Inojosa afirma que o combate em Tavares durou 56 horas. (1980. p. 153)

A situação em que se encontrava os soldados era tão dramática que começou a haver deserções. José Américo de Almeida assim narrou esses fatos:

Estavam, havia 18 dias, sem ter o que comer, sem nada de nada. O molho e o feijão que tinham encontrado era o único alimento; de milho torrado faziam café. Às vêzes, acontecia que a vaca que conservavam prêsa saía e voltava da caatinga trazendo gado que era abatido, mas faltava sal. Levaram muitos dias comendo pipoca e bebendo água salgada (1968, p.110).

Foi durante os pequenos confrontos até a grande escaramuça que ocorreu em Tavares que muitas pessoas perderam a vida, grande parte na força policial paraibana. Houve em torno de 50 mortos somente da força pública. Até então não havia ocorrido um combate tão feroz e violento como o de Tavares.



Combatentes das forças de José Pereira, nas ruas de Princesa.

Foto: Álvaro de CARVALHO, 1978. Página: 131.

3º NOTÍCIA

*“O capitalismo,
do coronelismo,
jogou num abismo,
o nosso Brasil...
A fome danada,
E o pobre sem nada,
Soltou a enxada
E pego no fuzil”*

(Maria Bonita - Rui Grudi)

REBELLION IN BRAZIL REPORTED NEAR END

Parahyba State Forces Said to Be Closing in On Pereira in Princeza.

RIO DE JANEIRO, Brazil, May 2 (P).—Latest advices received from the State of Parahyba, in Northern Brazil, where local rebel forces have been in the field against the State Government, indicate that the State authorities are getting control of the situation.

José Pereira, leader of the rebel forces is now holding the town of Princeza, but the State police have been closing in and it was believed possible that Pereira would have to surrender.

For several weeks clashes between the police and the rebels have been reported, in one instance several men having been killed and others wounded. Pereira's supporters are tenant farmers and cowboys and clashes at various places have resulted in other casualties.

[A news agency report in Buenos Aires said forty provincial policemen were ambushed and killed near Princeza, but no confirmation of this has been obtained.]

The difficulties in Parahyba are political. Pereira, a former supporter of State President Joao Pessoa, broke with him at the last elections when the names of his Federal deputy candidates were not placed on the official list.

The New York Times

Published: May 3, 1930

Copyright © The New York Times

4.3. Rebelião no Brasil reportado perto do fim

Forças Estaduais da Parahyba disseram estar fechando o cerco de Pereira em Princeza.

RIO DE JANEIRO, Brasil, 2 de maio (AP). - Últimos avisos recebidos da Parahyba, no Norte do Brasil, onde as forças rebeldes locais estão em campo contra o governo do estado, indicam que autoridades estaduais estão obtendo o controle da situação.

José Pereira, líder das forças rebeldes agora está segurando a cidade de Princeza, mas a polícia do estado está se fechando o cerco e acredita-se na rendição de Pereira.

Por várias semanas confrontos entre a polícia e os rebeldes foram relatados, em um caso, vários homens tendo sido mortos e outros feridos. Os apoiadores de Pereira são reideiros agricultores e vaqueiros e confrontos em vários lugares resultaram em outras baixas.

[Um relatório da agência de notícias em Buenos Aires disse que quarenta policiais da província foram emboscados e mortos perto de Princeza, mas nenhuma confirmação disso foi obtida.]

As dificuldades na Parahyba são políticas. Pereira, ex-partidário do Presidente Estadual João Pessoa, rompeu com ele nas últimas eleições, quando os nomes de seus candidatos a deputados federais não foram colocados na lista oficial.

The New York Times

Publicado em: 3 de maio de 1930

Direitos autorais © The New York Times

A notícia acima foi publicada em 3 de maio de 1930, na página 11. E apesar de comunicar que as forças policiais estavam próximas a tomar Princesa, esse fato nunca ocorreu. A luta do povo de Princesa contra a força policial da paraíba ainda iria se desenrolar por mais dois meses até o seu final, em 26 de julho daquele ano, sem que a polícia conseguisse marchar sobre a cidade de Princesa.

Mais uma vez é citado no jornal norte americano a notícia onde mais de quarenta policiais paraibanos foram mortos, fato que já foi explicado aqui quando do cerco a Tavares. A novidade da notícia é sobre uma das causas do rompimento entre José Pereira e João Pessoa, causada pela publicação da Chapa com o nome dos candidatos a Deputados Federais pelo Partido Republicano da Paraíba (PRP).

Apesar de muitas pessoas acreditarem que o pomo da discórdia entre João Pessoa e José Pereira foi unicamente a exclusão do nome do João Suassuna e a manutenção do nome de Carlos Pessoa para candidatura a deputado federal nas eleições de 1930, Joaquim Inojosa faz alguns apontamentos que levaram a deterioração das relações entre os dois chefes políticos, segundo ele

Erros e erros políticos praticara o governante paraibano, em poucos meses de governo, como que anunciando a marcha para o desastre. Transformara a Paraíba numa casa de louças, a se quebrarem a torto e a direito; resolvera desmontar, de uma cajadada, as máquinas interioranas dos tradicionais chefes políticos do estado; invadira lares, à procura de armas proibidas, ocupando cidades inesperadamente; removera funcionários sem qualquer consulta aos seus protetores; criara impostos extorsivos, incompatibilizando-se com os estados vizinhos (1980, p. 63).

João Pessoa, ao assumir a então presidência da paraíba, defendeu o revezamento completo dos candidatos, não admitindo candidaturas a reeleição. “Tinha a ideia do rodízio para rejuvenescer a bancada e pouco lhe importava se a ocasião era imprópria” (ALMEIDA, 1968, p. 53). O estopim se deu quando o jornal *A União*, em 18 de fevereiro de 1930, publicou a lista com os nomes dos candidatos a deputado federal e nela constava o nome de Carlos Pessoa, primo de João Pessoa, mas não constava o nome de João Suassuna, ex-presidente da paraíba entre os anos de 1924 a 1929, que era aliado e muito amigo de José Pereira.

Outra surpresa para José Pereira foi a também exclusão do nome de Antônio Massa. Segundo uma entrevista concedida ao jornal carioca *Correio da*

Manhã, publicada em 24 maio de 1930, José Pereira diz:

“Estranhei” – refere-se à entrega da chapa que lhe fizera, em Princesa, o ajudante-de-ordens do Presidente João Pessoa, tenente-coronel Elísio Sobreira – “que da lista organizada fossem excluídos sumariamente o senador Antônio Massa, que havia sido um dos batalhadores pela ascensão de Sr. Epitácio Pessoa a suprema direção da política da Paraíba. Objetei ao Sr. Sobreira que ele, Massa, fiel ao partido, não merecia a odiosa exclusão nos últimos momentos(...). Interpelei, então, o ajudante-de-ordens, porque se excluía e sacrificava o deputado João Suassuna, ex-governador do Estado, que elegera o próprio Sr. João Pessoa, a quem entregara a chefia do partido? O ajudante-de-ordens respondeu-me que o critério era o rotativismo. Indaguei como ele explicava que sendo o critério o do rotativismo só ficasse na bancada, dos antigos, o Sr. Carlos Pessoa, justamente o primo-irmão do Presidente Pessoa? O ajudante, meio confuso, disse que o Presidente achava que o Sr. Carlos Pessoa se havia portado com muita vibração na legislatura passada, durante a campanha da Aliança, ao que retruquei que o Sr. Carlos Pessoa era um deputado apagado, que nunca pronunciara, sequer, um discurso... Rotativismo, ou é, ou não é. Em parte, eu não compreendia o rotativismo beneficiando, precisamente, um membro da família. O ajudante-de-ordens, afinal, retirou-se da minha presença, alegando que eu poderia levar minhas objeções ao presidente (INOJOSA, 1980. pp. 78 e 79).

A permanência do nome de Carlos Pessoa contrariou a vontade da Comissão Executiva do partido. A Chapa foi completamente renovada, com exceção de Carlos Pessoa, o que é claro, foi uma afronta aos outros líderes políticos, entre eles o chefe político de Princesa, o coronel José Pereira Lima.

No dia 20 de fevereiro de 1930, dois após o lançamento da Chapa e o imbróglio que ela causou, o presidente João Pessoa resolve visitar o interior do estado na tentativa de amenizar a situação que o próprio tinha causado.

João Pessoa chegou à Princesa e uma enorme festa aguardava-lhe. A cidade tinha parado para receber tão ilustre visitante,

“flamejavam por toda parte símbolos revolucionários: ruas com bandeirolas vermelhas; árvores ornamentadas de vermelho; mulheres vestidas de vermelho. Tudo rubro, berrante, da côr violenta que iria colorir o novo quadro” (ALMEIDA, 1988. p. 59).

O jornalista Sebastião Lucena (2005) assim descreveu, minunciosamente, a famosa visita do Presidente João Pessoa à cidade sertaneja de Princesa:

“Caboclo Fogueteiro avisou a chegada de João Pessoa soltando uma girândola de fogos. Quando os foguetões pipocaram no céu, o povo correu, os estudantes entraram em forma, a banda de música tocou um dobrado e o coronel

Zé Pereira dirigiu-se à entrada da cidade para receber a comitiva, que tinha o presidente à frente de um enorme grupo de auxiliares civis e militares [...].

O presidente entrou na cidade sem dar uma risada, a menina Maria Augusta ficou sem entender a sisudez do homenageado. “Como uma pessoa pode ficar assim diante de tanta festa?”, dizia ela para o irmão mais novo. De pouco valera colocar o melhor vestido comprado por Marcolino Pereira, seu pai, na feira de Triunfo, especialmente para ocasião.

No calçadão da casa do coronel, a fina flor da sociedade princesense dava os últimos retoques no vestuário. O coronel tinha ao seu lado, esperando o presidente, os seus homens de inteira confiança, como Sinhô Rodrigues, José Frazão e Antônio Cordeiro. Também estava ali, perfilado, o padre Francisco Lopes. O tenente Arruda, delegado de polícia, botava os seus seis soldados do destacamento em posição de sentido. Enquanto isso, Ronco Grosso distribuía os cabras para garantirem a segurança da comitiva. O povo olhava a comitiva parar na frente da casa do coronel, enquanto o cadete José de Campos Góes, com voz inflamada, saudava o visitante ilustre. Este, em resposta, limitou-se a dizer que estava ali em visita de cortesia ao ilustre coronel José Pereira Lima.

O banquete teve de tudo. Desde galinha de capoeira a carne de sol do sertão assada na brasa com manteiga de garrafa. O presidente sentou-se no lugar de honra, Zé Pereira ao seu lado.

Durante o banquete, mestre Belinho, santeiro, pintou a bico-de-pena um retrato do visitante [...].

Andaram pela cidade, conversaram sobre o tempo, a próxima safra, mas nada de se tocar no assunto que o levava a Princesa. O presidente, candidato a vice-presidente na chapa de Getúlio Vargas, percorria o interior em busca de apoio para ele e para os candidatos à Câmara Federal. Queria o apoio do coronel, principalmente porque estava sabendo do seu inconformismo com a decisão de tirar da chapa o principal aliado de Princesa, João Suassuna. Mas, nas vezes em que o coronel quis tocar no assunto, Pessoa saiu pela tangente, mudou de assunto.

[...]

Somente na hora do baile é que o presidente mostrou a chapa ao coronel e ele não conteve a contrariedade ao não ver o nome de Suassuna, chegando a ameaçar retirar-se do Estado caso essa injustiça não fosse corrigida. O presidente desconversou, dizendo que estava cansado e que depois de dormir os dois se entenderiam melhor, deixando transparecer que corrigiria o lapso.

[...]

Na manhã seguinte, muito cedo, o Presidente seguiu viagem rumo a Teixeira e outros municípios, onde continuaria a propaganda política. Convidou o coronel para integrar a comitiva, mas Zé Pereira disse que só o acompanharia caso ficasse ali mesmo resolvida definitivamente a inclusão de Suassuna na chapa federal, ou então fosse feita a renovação completa com a retirada de todos os nomes

antigos, inclusive o do primo do presidente, Carlos Pessoa.

O Presidente nada respondeu. Entrou no automóvel e partiu, deixando no rabo da gata o seu assessor, o coronel Elísio Sobreira, para dar a notícia da chapa, sem a modificação pedida pelo coronel. Zé Pereira, de pronto, telegrafou ao presidente anunciando rompimento. E ali começava a guerra. (pp. 29, 30 e 31).

No dia 22 de fevereiro de 1930 chega ao fim a viagem de “cortesia” - como falou João Pessoa - à Princesa e o coronel José Pereira não tinha recebido resposta alguma sobre o problema da chapa. Inconformado, José Pereira telegrama ao Presidente João Pessoa comunicando-lhe o rompimento nas relações políticas:

Princesa, 22 – Acabo de reunir os amigos e correligionários a quem informei do lançamento da chapa federal. Todos accordaram mesmo que v. excia escolhendo os candidatos à revelia da comissão executiva caracteriza palpável desprestígio aos respectivos membros. A indisciplina partidária que ressumbra do acto de v. exc. inspirado de desconfiança no seio do epitacismo ameaça o esquecimento dos mais relevantes serviços dos devotados à causa do partido. Semelhantes conductas aberra dos princípios do Partido cuja orientação muito diferia da actual, adoptada singurlamente por v. exc. Esse divorcio afasta os compromissos dos velhos baluartes da victoria de 1915 para com os princípios desse Partido que v. exc. acaba de

falsear. Por isto tudo delibero adoptar a chapa nacional, concedendo liberdade dos meus amigos para usarem do direito do voto consoante lhe ditar a opinião, comprometendo-me ainda a deffendel-os, se qualquer acto de violência do governo atentar contra o direito assegurado pela Constituição. Saudações José Pereira (RODRIGUES, 1978. p.87; VIDAL, 1978, pp. 91 e 92; CALDAS, 2008. pp.55 e 56).

Era o fim de uma aliança política e o início de uma guerra no sertão paraibano.



Integrantes da Policia Paraibana que participaram da Campanha. 1930



Foto: Inês RODRIGUES, 1978. Página: 185.

4º NOTÍCIA

*“Sou bacamarte,
Vereda, caatinga,
Manhã e mandiga
Tecendo a sorte,
Carrego a morte
No matulão,
Brotei do chão
Seco da terra,
Cuspindo a guerra,
Sou Lampião”*

(Mote de Lampião – Paulo Matricó)

38 Rebels Reported Slain in Brazilian Clash; One Policeman Dead in 54-Hour Reprisal Fight

RIO DE JANEIRO, Brazil, May 27 (AP). — Thirty-eight rebel followers of José Pereira were killed in a sanguinary encounter with provincial police in the northern State of Parahyba, a news agency dispatch from Pernambuco reported today.

One policeman was reported killed and four wounded. The battle, lasting fifty-four hours, occurred in and around Sitio, it was stated. Pereira issued a statement today denying the figures of his losses.

Rebel forces on May 1 were reported to have ambushed and wiped out a detachment of forty provincial police near Princeza. In the last few days of April there were fifty killings in that neighborhood. The trouble was stated to be a purely local affair not in any way affecting the Brazilian Federal Government.

Rebel forces have been in the field against the State Government, where Pereira, a former supporter of the late President João Pessoa, who broke with him at the last election, seized the town of Princeza. Pereira's supporters are mostly cowboys.

Today's advices indicated that the police had retaliated vigorously for the massacre of their comrades on May 1. The State police have for several weeks been closing in upon the Pereira band, and it was stated a few days after the ambushade of Princeza that Pereira's surrender could not be long postponed.

The police force numbered 450 in a three-hour battle reported on May 6, according to an interview given out by Pereira, who said that in one encounter the police suffered sixty casualties, against four for the rebels. Nearly 1,000 men have been in action several times in the fighting.

The New York Times

Published: May 28, 1930

Copyright © The New York Times

4.4. 38 Rebeldes foram mortos em confronto brasileiro;

UM POLICIAL MORREU EM 54 HORAS DE REPRESÁLIA

RIO DE JANEIRO, Brasil, 27 de maio (AP).- Trinta e oito rebeldes seguidores de José Pereira foram mortos em um sangrento combate com policiais da província no norte do Estado da Parahyba, um comunicado da agência de notícias de Pernambuco relatado hoje.

Um policial foi morto e quatro feridos. A batalha, com duração de cinquenta e quatro horas, ocorreu dentro e ao redor do Sítio, afirmou-se. Pereira emitiu um comunicado hoje negando os números de suas perdas.

Em 1º de maio as forças rebeldes teriam emboscado e exterminado um destacamento de quarenta policiais provinciais perto de Princeza. Nos últimos dias de abril houve cinquenta assassinatos naquele bairro. O problema foi declarado como um assunto puramente local que não afeta de maneira alguma o governo federal brasileiro.

Forças rebeldes têm estado em campo contra o Governo do Estado, onde Pereira, um ex-partidário do falecido presidente João Pessoa, que rompeu com ele na última eleição, tomou a cidade de Princeza. Os partidários de Pereira são principalmente vaqueiros.

Informações de hoje indicaram que a polícia havia retaliado vigorosamente pelo massacre de seus companheiros em 1º de maio. A polícia estadual há várias

semanas fechando o cerco na banda de Pereira, e alguns dias após a emboscada de Princesa, foi declarado que a rendição de Pereira não poderia ser adiada por muito tempo.

A força policial chegou a 450 em uma batalha de três horas relatada em 6 de maio, segundo uma entrevista de Pereira, que disse que em um confronto a polícia sofreu sessenta baixas, contra quatro para os rebeldes. Quase 1.000 homens já estiveram em ação várias vezes nos combates.

The New York Times

Publicado em: 28 de maio de 1930

Direitos autorais © The New York Times

A batalha que gerou manchete acima, publicada na página 11 do referido jornal, ocorreu após o rompimento do cerco e a tomada de Tavares pelas forças policiais paraibanas.

A Coluna Leste, comandada pelo tenente João Costa¹², decidiu que estava na hora de partir para Princesa e tomar de vez a cidade, aproveitando o moral que tomou a tropa após conseguir se livrar dos 18 dias de cerco com a ajuda do capitão Irineu Rangel e seu reforço de 60 homens. Então, no dia 10 de maio, às 9 horas da manhã, uma tropa sai de Tavares em direção à Princesa.

¹² No dia 3 de abril de 1930, o Tenente João Costa é promovido, por bravura, a Capitão, enquanto estava cercado com seus homens na batalha de Tavares. (LUCENA, 2005. p. 67).

O agora capitão¹³ João Costa

disparou ladeira acima, como um pé de vento, até Sítio, a 16 quilômetros de Princesa, às barbas dos inimigos que perdia assim um dos seus postos avançados. Era um lugar horroroso, todo rodeado de rochedos, mas êle firmou posição (ALMEIDA, 1968. p.122).

No local de nome Sítio¹⁴, distante apenas 3 quilômetros de Tavares, já havia pelas redondezas 250 homens entrincheirados do coronel José Pereira.

Um combate se iniciou,

a tropa matinha às posições ocupadas naquele primeiro entrechoque, procurando envolver o reduto, precavidamente, com deslocamentos pelos flancos. O número de soldados era, porém, pequeno para abarcar todo o entrincheiramento que se espalhava pelas serroteiras e elevações do terreno. (...) A fuzilaria inimiga, porém, não deixava liberdade para a tropa, e isto concorria para retardar a manobra. Ademais, a real carência de efeitos, acrescida pela necessidade de também manter em Tavares uma guarnição capaz de defendê-lo com relativa eficiência, por não se saber se êsse ponto, igualmente, seria atacado, não dava margem a pensar-se em engrossar o volume da força atacante (FREIRE, 200. p.209).

¹³ Ver nota anterior.

¹⁴ João Lélis de Luna Freire chama o local de "Sítio-Nôvo" (2000. p. 207).

O capitão João Costa lentamente avançou e os combatentes princesenses recuaram 200 metros. A tropa de João Costa tomou a posição conquistada e permaneceu nela, não conseguindo mais avançar. João Paulino, um dos comandantes de Princesa ficou ferido e saiu de combate, enquanto o tenente Agripino Câmara, da força pública paraibana é ferido e morto¹⁵ (LUCENA, 2005; ALMEIDA, 1968; INOJOSA, 1980).

Um relato interessante pode ser lido no diário do tenente Agripino Câmara, que a caiu nas mãos da tropa de José Pereira após sua morte. Sobre a batalha em Tavares ele escreveu:

15-4-1930 – Os bandidos estão atirando pouco. Há qualquer coisa no acampamento deles. Estão soltando alguns foguetes ordinários. Eles têm até boas ideias, mas não conhecem os meios de emprego e sobretudo não dispõem de granadas apropriadas. O bandido José Guedes, primo carnal do tenente José Guedes e pai de um dos nossos soldados, falou hoje com o primo e com o filho. Ao se retirar, pediu ao filho que não desertasse e honrasse sempre a farda que vestia. Foi uma cena tocante a palestra de entes tão

¹⁵ Acreditamos que não há precisão nos dados dos mortos e feridos durante a batalha de Sítio. Sebastião Lucena fala em 1 morto do lado de Princesa e 60 do lado da polícia (2005. p. 68). Já Joaquim Inojosa fala em 1 morto e 5 feridos no lado de Princesa e 50 a 60 mortos do lado da polícia (1968. P. 161). José Américo de Almeida fala somente do lado da polícia, no caso, apenas 1 morto, que foi o tenente Agripino Câmara (1968. p. 123). Apesar da divergência nos números houve uma mortandade muito grande nesse confronto.

ligados pelo sangue e tão separados pelos ideais (LUCENA, 2005. p. 69).

Após a tomada de posição pela polícia paraibana, José Pereira envia de Princesa 100 homens para ajudar os que lá estavam. Depois de 16 horas de fogo cerrado, Sítio foi reconquistado pelas forças princesenses. Foram três dias de confrontos, e alguns se deram tão de perto, entre 80 e 300 metros, que soldados da força policial paraibana conversavam com alguns conhecidos das forças de Princesa (LELIS, 2000; LUCENA, 2005).

Foram exaustivas 56 horas de luta em Tavares e Sítio, que custou mais de seis dezenas de vidas e 9 mil tiros disparados somente do lado da polícia paraibana, o que podemos concluir que o tiroteio foi gigantesco se somarmos com a quantidade de tiros que os homens de Princesa dispararam. Os homens de José Pereira iram defender sua cidade a qualquer custo.



João Pessoa Cavalcanti de Albuquerque. Foto: Reprodução.

5° NOTÍCIA

*“Paraíba do norte que tem seu progresso,
Que manda sucesso pra todo país,
Que sente a presença da mãe natureza,
Que vê a riqueza nascer da raiz,
Que acredita em Deus, também no pecado,
Que faz do roçado a sua oração,
E aida confia no seu semelhante,
E vai sempre avante em busca do pão,
O pão que é nosso, que garante a vida,
Terrinha querida do meu coração”
(Paraíba – Messia Holanda)*

REBEL FORCE BATTLES BRAZILIAN SOLDIERS

State Authorities Prepare to Use Bombing Planes in Parahyba Clash.

RIO DE JANEIRO, June 2 (AP).—Unconfirmed reports said tonight that the rebel forces of Deputy José Pereira and those of the Parahyba State Government had been fighting continuously since yesterday morning.

The reports added that the State authorities had acquired several bombing planes which would be used against the rebels in a few days.

The government forces were augmented by 150 police, sent toward Princeza with 150,000 rounds of rifle ammunition in motor trucks.

Pereira's followers and the provincial police have had frequent clashes since May 1. In a fight on May 27 thirty-eight of his men were reported killed after a fifty-four-hour battle.

The New York Times

Published: June 3, 1930

Copyright © The New York Times

4.5. Força rebelde luta contra soldados brasileiros

Autoridades estaduais preparam-se para usar aviões de bombardeio no confronto da Parahyba.

RIO DE JANEIRO, 2 de junho (AP). Relatórios não confirmados disseram hoje à noite que as forças rebeldes do deputado José Pereira e os do Governo do Estado da Parahyba estavam lutando continuamente desde a manhã de ontem.

Os relatórios acrescentaram que autoridades estaduais adquiriram vários aviões de bombardeio que seriam usados contra os rebeldes em poucos dias.

As forças do governo foram aumentadas em 150 policiais, enviadas para Princeza com 150.000 cartuchos de munição de rifle em caminhões.

Os seguidores de Pereira e a polícia da província tiveram frequentes confrontos desde 1º de maio. Em uma briga em 27 de maio trinta e oito de seus homens foram mortos depois de uma batalha de cinquenta e quatro horas.

The New York Times

Publicado em: 03 de junho de 1930

Direitos autorais © The New York Times

A notícia acima, publicada em 3 de junho de 1930 na página 11 do jornal The New York Times, traz, pela primeira vez, referência ao possível uso de aviões durante a guerra que acontecia no interior da paraíba.

A ideia se adquirir aviões para bombardear Princesa veio após o coronel José Pereira decretar, em 09 de junho de 1930, a independência de Princesa, passando a cidade a se chamar **Território Livre de Princesa** (INOJOSA. 1980. pp. 109-110; LUCENA. 2005. pp. 93-94; RODRIGUES. 1978. pp. 153-154; MARIANO. 1991. pp. 76-77; MARIANO. 2010. pp. 129-130).

Nesse dia o coronel José Pereira envia as autoridades do país um telegrama contendo a seguinte mensagem:

“Tenho a honra de comunicar a V. Excia. que acabamos de proclamar o seguinte:

Decreto n° 01, de 9 de junho de 1930.

Decreta e proclama provisoriamente a independência do município de Princesa, separado do Estado da Paraíba, e se estabelece a forma pela qual se rege.

A administração provisória do Território Livre de Princesa, instituído por aclamação popular, decreta e proclama a Resolução seguinte:

Art. 1º - Fica decretada e proclamada provisoriamente a independência do município de Princesa, deixando o mesmo de fazer parte do Estado da Paraíba, do qual está separado desde 28 de fevereiro do corrente ano.

Art. 2º - Passa o município de Princesa a constituir, com os seus limites atuais, um

território livre que terá a denominação de Território de Princesa.

Art. 3º - O Território de Princesa assim constituído permanece subordinado politicamente ao poder público federal, conforme se acha estabelecido na Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil.

Art. 4º - Enquanto pelos meios populares não se fizerem a organização legal, será o Território regido pela administração provisória do mesmo território.

Cidade de Princesa, em 9 de junho de 1930.

José Pereira Lima

José Frazão de Medeiros Lima

Manuel Rodrigues Sinhô¹⁶

A ideia de um decreto tornando Princesa um território livre foi de Joaquim Inojosa (MARIANO, 2010), e apoiada pelos Pessoa de Queiroz¹⁷, aliados de José Pereira na luta contra o governo de João Pessoa e com o intuito de apressar uma intervenção federal¹⁸ na paraíba (RORIGUES, 1978). A criação do decreto teve a colaboração de Odilon Nestor, professor e

¹⁶ O escritor paraibano Ariano Suassuna faz uma referência ao episódio da independência de Princesa no romance *O Rei Degolado ao Sol da Onça Caetana* (1977, p. 52).

¹⁷ João Pessoa de Queiroz e Francisco Pessoa de Queiroz eram primos do Presidente João Pessoa.

¹⁸ Havia uma vontade de depor o governador João Pessoa na tentativa de se resolver o problema político que corria, mas o presidente Washington Luiz discordou, mesmo sendo oposição do governo paraibano. (MARIANO, 2010, p. 131)

jurista da Faculdade de Direito do Recife, para sustentar sua constitucionalidade.

O conteúdo do decreto foi lido na Câmara Federal em 13 de junho de 1930, causando muita polêmica e ficando conhecido nacionalmente como “o caso da Paraíba” (RODRIGUES, 1978).

Já transcorriam três meses de luta quando José Pereira declarou o Território Livre de Princesa, e ele já tinha seu Hino, Jornal, Bandeira, Leis e até seu Exército para defender-se. *O Jornal de Princesa* foi idealizado por Joaquim Inojosa, que o imprimia clandestinamente na cidade do Recife e encaminhava-o para Princesa (INOJOSA, 1980). Houve apenas duas edições do Jornal. No seu primeiro exemplar, que circulou em 21 de junho de 1930, o famoso decreto do Território Livre de Princesa é publicado.

O hino do Território Livre de Princesa foi idealizado pelos poetas Austro-Costa, letra e compositor, e Nelson Ferreira, música, ambos amigos de Joaquim Inojosa. Em carta endereçada a esse, Austro-Costa disse:

Deixou-lhe, com este, a letra da Marcha-canção dos Legionários de Princesa. Está bem o título? Procurei animar do melhor sentido cívico a rebeldia sertaneja do canto. Dei-lhe, o que é mais, o ritmo do admirável hino que Bilac escreveu para nossa Bandeira (INOJOSA, 1980, p.113).

Marcha-Canção dos Legionários de Princesa

(Versos com o ritmo do Hino da Bandeira)

Cidadãos de Princesa aguerrida!
Celebremos, com força e paixão,
A beleza invulgar desta lida,
E a bravura sem par do Sertão!

*De nossa terra na defesa,
Alerta sempre! Eia! De pé!
Pela vitória de Princesa,
O nosso Orgulho e a nossa Fé!*

Para honrar e exaltar nossa Causa,
Na atitude dos versos Heróis,
É mister que lutemos sem pausa,
Para a frente! Marchar! Todos nós!...

*De nossa terra na defesa...
(etc)*

Princesenses!... A hora é sagrada!
Contemplamos o sol do Porvir!
Há três verbos na luz da Alvorada,
Resistir! Triunfar! Repelir!

*De nossa terra na defesa...
(etc)*

Exaltemos, no bronze da História,
A Epopeia do nosso rincão!
De Princesa cantamos a glória
E a bravura sem par do Sertão!

A Junta Governativa que foi criada para administrar o *Território Livre de Princesa* chegou

a decretar a pena de morte, com fuzilamento sem processo, para aquele que ofendesse (deflorasse) moças. Como jamais ocorreu tal desrespeito, a lei não chegou a ser posta em prática até sua revogação (INOJOSA, 1980. p.118; MARIANO, 2010. pp. 131-132).

A separação de Princesa representou algo completamente novo para história política do país, mas nunca foi lhe dado a devida atenção pelas Academias. Uma cidade se separar do seu Estado pela força; o Estado querendo usar aviões para bombardeá-la porque não consegue marchar sobre essa cidade; e tudo isso no meio do sertão paraibano fez desse episódio algo singular que ainda há muito para ser estudado e pesquisado profundamente.

6º NOTÍCIA

*Corriam os anos trinta,
No nordeste brasileiro,
Algumas sociedades lutavam pelo dinheiro,
Que vendiam pelas terras,
Coronéis em pés-de-guerra,
Beatos e cangaceiros.
(Cavalos do Cão – Zé Ramalho)*

25 DIE IN CLASH IN BRAZIL.

Policemen Slain in Encounter With Pereira Rebels in Parahyba State.

PERNAMBUCO, Brazil, June 5 (AP).—Dispatches received here today said that twenty-five police of the State of Parahyba were killed yesterday in an engagement with rebel forces near Agua Branca. The rebels also captured a large supply of arms and ammunition.

The Parahyba police and the rebel forces of Deputy José Pereira have been fighting for more than a month with numerous casualties on both sides.

The New York Times

Published: June 6, 1930

Copyright © The New York Times

4.6. 25 Morrem em confronto no Brasil.

Policiais mortos no encontro com rebeldes de Pereira no Estado da Parahyba.

PERNAMBUCO, Brasil, 5 de junho (AP). - Despachos recebidos aqui hoje disseram que vinte e cinco policiais do Estado da Parahyba foram mortos ontem em um combate com forças rebeldes perto de Água Branca. Os rebeldes também capturaram um grande suprimento de armas e munição.

A polícia da Parahyba e as forças rebeldes do deputado José Pereira lutam há mais de um mês com inúmeras baixas em ambos os lados.

The New York Times

Publicado em: 06 de junho de 1930

Direitos autorais © The New York Times

Essa matéria, publicada no começo de junho de 1930, na página 5 do jornal NYT, traz o confronto ocorrido em Água Branca, sendo talvez a pior derrota para o governo de João Pessoa durante toda a luta contra José Pereira.

Após a perda da posição que tinha sido anteriormente conquistada no confronto em Sítio, nas imediações de Tavares, o capitão João Costa ansiava por uma revanche contra “Zé Carnaval”, como costumava apelidar José Pereira (ALMEIDA, 1968).

O capitão João Costa chegou a pedir 200 homens ao Secretário de Segurança, à época o senhor José Américo de Almeida, como o próprio explicou na sua obra *O Ano do Négo*:

Num radiograma que me passara para Piancó prontificara-se êle a marchar sôbre Princesa, se eu pusesse à sua disposição 200 homens armados e municidados. Se eu contasse com essa fôrça, não teria perdido tempo. Também tinha pressa; teria sido o primeiro a desfechar o ataque, sem prescindir de outras colunas que completassem o cêrco, como estava previsto, desde o plano inicial (p.125. 1968).

No início de junho de 1930, surge *A Coluna da Vitória*, como foi apelidada, criada a revelia do Secretário José Américo. Na verdade, esse sequer foi avisado da sua criação. Para comandá-la foi designado o Sargento Francisco Genésio, promovido a oficial (Tenente) para a grande empreitada que estava por vir.

Sobre a formação da *Coluna da Vitória*, José Américo de Almeida (1968) pontuou:

Foram recolhidos refugos dos destacamentos locais, velhos cabos de esquadra, já sem nenhum préstimo. Arrecadaram guarda-civis bisonhos, sem instrução militar, ignorando o manejo das armas. Recrutando tudo que servisse para se aproximar do número exato.

Uma coleta difícil. Arrumaram 180 homens em 9 caminhões, fora os que transportavam material. Contava-se que, dessa vez, Princesa seria arrasada (p. 127; RODRIGUES, 1978, p.149).

Arregimentaram 180 homens¹⁹, dos 200 que desejavam, montaram um comboio com 12 caminhões, sendo 9 deles levando homens, e partiram em direção à Princesa.

Os caminhões saíram de Campina Grande enfileirados dizendo, para despistar, que iriam a Patos, mas o destino era Água Branca, distante a poucos mais de 50 km de Princesa.

Passaram por Taperoá e Teixeira, e sempre que faziam uma parada um feiticeiro que estava junto do comandante do batalhão fazia umas pregações e umas “rezar fortes” para fechar o corpo dos soldados das balas inimigas, e diziam que iriam “pegar Zépereira à unha”. “Toda a soldadesca assistia, dando vivas às rezas do feiticeiro, inclusive o comandante, o tenente Francisco Génésio. Até ambulâncias fazia parte do comboio” (LUCENA, 2005, p. 95).

José Pereira já tinha ciência sobre o ataque que a polícia iria realizar, pois tinha informantes em vários locais, inclusive na Capital, cujo chefe dessa rede de informações era Durval Tinoco, responsável pelo telégrafo.

¹⁹ Segundo Almeida (1968) foram 180 homens. Entretanto Inojosa (1980) fala em 220 homens.

Esse senhor trabalhava numa sala cuja janela dava para o pátio do quartel da PM e tudo que via acontecer ali dentro, informava por telegrama ao comando da resistência de Princesa. Foi ele quem telegrafou avisando que saíra de Campina Grande um batalhão armado até os dentes para invadir Princesa. Além dele, os telegrafistas de Ingá, Campina Grande e Patos também fuxicaram a marcha da tropa, de modo que o coronel teve tranquilidade para preparar a emboscada aos invasores (LUCENA, 2005, p. 96).

Já sabendo do que estava para acontecer em Princesa, José Pereira envia para as imediações de Água Branca 80 homens, comandados pelo seu cunhado Marcolino Diniz, que os dividiu de forma estratégica.

Sentinelas avançadas das forças de Marcolino adentraram na mata para observar a marcha da polícia paraibana, quando perceberam que entre os caminhos dois deles eram carregados de suprimentos. Imediatamente correram em direção a Marcolino Diniz para repassar as informações. Marcolino então faz uma distribuição de homens ao longo de dois quilômetros sempre resguardando seu pessoal em pontos de amparo.

Dadas todas as instruções, uma delas determinava que o primeiro tiro seria dado por Marcolino, como sinal de ataque. Em 4 de junho de 1930 a *Coluna da Vitória* pernoitou em Água Branca

pois um dos caminhões havia quebrado, enquanto isso espiões de Princesa observavam todo o movimento da polícia. Ao amanhecer do dia 5 o comboio partiu para realizar o grande ataque a Princesa.

A menos de dois quilômetros de Água Branca, numa parte elevada da estrada, cheia de elevações e rochas, 80 homens dividido em 2 grupos chefiados por Gavião e João Paulino²⁰ aguardavam a força policial passar. Quando essa estava bem no centro dos dois grupos de Marcolino Diniz, rompe um tiroteio ensurdecedor. O grupo de João Paulino estava do lado de Água Branca e tinha deixado o comboio passar, e enquanto o grupo de Gavião atacava pela frente o de João Paulino segurava o ataque por trás.

A fuzilaria não parava, de repente uma explosão gigante foi ouvida, tinha sido um caminhão carregado de dinamite que teria sido atingido nos primeiros tiros. Foi um verdadeiro horror. O comandante Genésio morreu nos primeiros disparos. As rezas do feiticeiro não surtiram efeitos para os soldados e muito menos para ele, sendo um dos primeiros a morrer logo que começou o tiroteio.

²⁰ Há uma pequena divergência no nome dele. José Américo de Almeida diz que se chamava João Paulino (1968, p. 128), assim como Joaquim Inojosa (1980, p.163). Já a professora Inês Rodrigues diz que se chamava Antônio Paulino (1978, p. 149).

A mortandade foi grande. O caminhão que explodiu trazia nove soldados, sendo, todos eles, encontrados despedaçados!

O segundo caminhão, que conduzia os gêneros alimentícios, charque, farinha e gasolina, ficou parado, numa ribanceira, porque o chofer, o sargento que comandava e três soldados de sua escolha, morreram nos primeiros tiros. Este caminhão, as forças do deputado José Pereira, na impossibilidade de fazê-lo funcionar e levá-lo para Princesa, incendiaram-no (INOJOSA, 1980, p.164).

A malograda *Coluna da Vitória* foi despedaçada, “quem não morreu se escafedeu” (ALMEIDA, 1968. p. 129). Os que sobreviveram bateram em debandada mata a dentro, alguns dos soldados fugitivos foram encontrados posteriormente feridos ou mortos dentro da caatinga por homens de José Pereira, inclusive um dos médicos do comboio foi encontrado com vida.

Marcolino Diniz não deixou que o médico fosse molestado, reanimou-o e ensinou-o o caminho até chegar em Teixeira para que ele encontrasse o pessoal da força pública paraibana.

Após o ataque feroz das tropas princesenses, dos 12 caminhões da *Coluna da Vitória* 5 foram incendiados, 4 escaparam entrando em Pernambuco, mas foram apreendidos, e 3 regressaram para Teixeira porque estavam um pouco distantes do comboio na hora do ataque.

O saldo de mortes foi assustador, a polícia paraibana perdeu em torno de 70 homens, outros 60 saíram feridos. Já a tropa de Marcolino Diniz teve apenas um ferido e dois desaparecidos. Os rebeldes de Princesa ainda conseguiram apreender 72 fuzis e 20 mil²¹ cartuchos que estavam em posse da polícia.

Quando a tropa de José Pereira regressa à Princesa após o grande combate próximo a Água Branca, se deparou com uma força policial, próximo da Fazenda Glória, que estava vindo em socorro dos outros policiais que participaram do tiroteio. Outro combate é travado, sendo a polícia rechaçada novamente. Mais mortes ocorreram, dessa vez a tropa comandada por Marcolino Diniz perdeu 4 homens e fez 9 prisioneiros, que foram levados a Princesa. A polícia paraibana teve 13 baixas e 12 feridos. (INOJOSA, 1980).

A derrota sofrida pela polícia causou bastante desapontamento no Secretário José Américo de Almeida, que chegou a exclamar: “Minha maior preocupação, depois do insucesso, foi evitar que os poucos sobreviventes tivessem contato com a tropa. Seria o pior derrotismo” (ALMEIDA, 1968. p. 130).

Apesar dos números de mortes citados na manchete do jornal *The New York Times* não serem precisos, percebe-se que a mortandade era corriqueira nas escaramuças entre os revoltosos de Princesa e a força policial paraibana.

²¹ José Américo de Almeida (1968) afirma que foram 35 mil cartuchos.

O desastre que ocorreu em Água Branca foi uma verdadeira “pá de cal nas esperanças do presidente paraibano” de marchar sobre Princesa (INOJOSA, 1980. p. 166).

O teatro da guerra ocorrida em Água Branca mostrou ao governo paraibano que bruxaria ou feiticeiros não seriam eficazes para penetrar em Princesa e suplantam as artimanhas e estratégias dos homens de José Pereira.



O coronel José Pereira Lima. Foto: Acervo da Fundação Casa de José Américo. Disponível em: <http://www.manaira.net/Fotos1930.html>

7º NOTÍCIA

*“Fiz castelo de areia no caminho,
Derramando ilusão pela poeira,
Todo sábado bem cedo ia pra feira
Pra trocar ou comprar um passarinho,
Toda vez que encontrava o meu padrinho,
Dava a ‘bença’ estirando a minha mão,
Se ganhasse dez ‘tões’ comprava um pão,
Pra comer com um tijolo de cocada,
Minha alma matuta foi gerada,
Nas entranhas do ventre do sertão”*
(João Paraibano)

FLIES TO BOMB REBELS IN PARAHYBA, BRAZIL

**Former Revolutionary Obtains a
Plane by Ruse in Pernambuco,
Which Has Been Neutral.**

Special Cable to THE NEW YORK TIMES
SAO PAULO, Brazil, July 5.—The rebels who have been conducting guerrilla operations in the interior of the State of Parahyba and who are making the little town of Princeza their headquarters will be treated to a form of warfare new to them, as a plane is reported flying in that direction and the aviator intends to bomb the rebels' stronghold.

The aviator, Reynaldo Roland, who is reported to have been connected with the Sao Paulo outbreak in 1925, obtained the plane in Pernambuco, which is the capital of the neighboring State and remained neutral during the struggle around Princeza for political reasons. The Pernambuco Government, according to reports, refused to permit the passage of arms to Parahyba.

The Chief of Police of Pernambuco has issued a statement that the aviator arrived there some days ago with a French mechanic and obtained the plane on the pretext that he intended doing aerial acrobatics. Instead he quietly spirited the plane to the nearby Aeropostale airport and when he learned that the police suspected his motives left last night at midnight and arrived at the interior town of Pianco early today. The police, upon arriving at the Pernambuco airport to carry out instructions from Rio de Janeiro to arrest Roland, found the ex-revolutionist gone.

The New York Times

Published: July 6, 1930

Copyright © The New York Times

4.7. Voo para bombardear rebeldes na Parahyba, Brasil

O ex-revolucionário consegue um avião por astúcia em Pernambuco, que tem se mantido neutro.

Cabo Especial para The New York Times.

SÃO PAULO, Brasil, 5 de julho. - Os rebeldes que realizam operações de guerrilha no interior do Estado da Parahyba e que estão fazendo da pequena cidade de Princeza seu quartel general serao tratados com uma forma de guerra nova para eles, porque relata-se um avião seguindo nessa direção e que o aviador pretende bombardear a fortaleza dos rebeldes.

O aviador Reynaldo Roland, que está envolvido com revolta de São Paulo em 1925, obteve o avião na a capital do Estado vizinho, Pernambuco que permaneceu neutro durante a luta em torno de Princeza por razões políticas. O Governo de pernambuco, segundo relatos, se recusou a permitir a passagem de armas para a Parahyba.

O Chefe da Polícia de Pernambuco emitiu uma declaração de que o aviador havia chegado há alguns dias com um mecânico francês e obtido um avião com o pretexto de que ele pretendia realizar acrobacias aéreas. Em vez disso, ele calmamente levou o avião para o aeroporto mais proximo e quando ele soube que a polícia suspeitava quais seus motivos, partiu ontem à meia-noite e chegou hoje cedo à cidadezinha de Pianco. A polícia, ao chegar ao aeroporto

de Pernambuco sob instruções do Rio de Janeiro para prender Roland, souberam que o ex-revolucionário havia sumido.

The New York Times

Publicado em: 06 de julho de 1930

Direitos autorais © The New York Times

Como vimos anteriormente, numa notícia publicada em 3 de junho de 1930, o governo paraibano pensou em usar aviões durante as batalhas, como uma espécie de arma “psicológica” contra os revoltosos de Princesa. A ideia ganhou força logo após José Pereira decretar a criação do *Território Livre de Princesa*, separando-se do Estado da Paraíba e ficando subordinado apenas à União.

Nessa notícia, publicada em 6 de julho de 1930 na página nº 7, o empenho do governo de João Pessoa em usar uma aeronave durante os conflitos, como também apresenta as dificuldades encontradas com os estados vizinhos que se mantiveram neutros durante o conflito.

Foi por intermédio de Antônio Pessoa Filho que surgiu a ideia de se adquirir um aeroplano para ajudar no combate contra Princesa, mas o plano acabou não dando certo. Ademar Vidal, Secretário de Interior, tentou novamente comprar um avião nos Estados Unidos, com ajuda do senhor Paulo Duarte. O plano falhou novamente.

Logo depois, outras negociações são estabelecidas no sentido de obter-se um aparelho pequeno. E para tratar do assunto chegaram à Paraíba os Srs. Paulo Viana e Raul Pedroso, que foram meus hóspedes. Em Recife eles dispunham de um *Flit*, tipo turismo, que o Presidente²² não teve dúvidas em comprar (VIDAL, 1978. p. 233).

Segundo a historiadora Inês Caminha Rodrigues (1981, pag.58) o *Flit* foi uma doação do governo de Minas Gerais, que também mandou dois italianos, sendo um piloto e outro mecânico, de nomes Peroni e Fossati²³. A aeronave foi transportada de Recife com destino a Paraíba desmontada dentro de caixas em cima de um caminhão.

Em Piancó foi improvisada uma pista de pouso em apenas dois dias. Logo nos primeiros testes o avião *Flit* foi avariado tendo uma das asas quebrada. O mecânico Fossati, após alguns dias convalescente, acabou morrendo de uma doença que o acometeu. A sorte parecia não estar ao lado do governo, que novamente procurou adquirir um novo avião (ALMEIDA, 1968).

Por intermédio do senhor Charles Astor, foi comprado um avião de nome *Garoto*, pertencente a Reynaldo Roland Gonçalves²⁴. A ideia do sobrevo

²² João Pessoa.

²³ Ademar Vidal chama-o de *Luis Fossati* (1978. p. 234). Já Joaquim Inojosa chama-o de *Lins Fossati* (1980. p. 200).

²⁴ Aviador da Força Pública de São Paulo.

sobre Princesa foi posta em prática, mas era algo que não iria pegar de surpresa os princesenses, pois o *Jornal de Princesa* avisava:

Anuncia-se para breve o bombardeio de Princesa a cargo do aviador *Roland*. O avião chama-se *Garoto*. Está em Piancó, aguardando o momento de voar. Também outro pássaro mecânico houve que chegou até aquela cidade. E depois foi o que viram: Até o aviador morreu (sic: Fossati, do avião *Flit*, que se quebrou ao levantar vôo em Piancó, substituído pelo *Garoto*). Nós esperamos o Garoto, lamentando apenas que ao lado do aviador Rolando não venha o presidente da paraíba, ou o secretário de segurança. (INOJOSA, 1980, p. 199).

Na manhã de 25 de junho, o *Garoto* decolou do Recife com destino a Campina Grande e posteriormente Piancó, como Charles Astor tinha proposto. Ademar Vidal já tinha ordenado a preparação das bombas aéreas que seriam lançadas sobre Princesa, e estariam sendo confeccionadas por Alberto Borges e por José Pimentel. Para ele, tudo “dependia de um grande trabalho e habilidade e daí a demora na fabricação. Para um bombardeamento em regra era necessário um depósito de nunca menos de 800 bombas” (VIDAL, 1978. p. 234).

O avião *Garoto*, pilotado por Peroni²⁵, começou a fazer incursões aéreas sobre as redondezas de Princesa. Numa dessas, desceu a altura de 20 metros sobre uma trincheira em São Boaventura e levou uma saraivada de tiros disparados pelos homens de José Pereira que lá estavam. O mesmo tendo acontecido em Princesa, quando o avião passou por lá e a população atirou contra o *Garoto*, que em vez de bombas jogou boletins que haviam sido escritos pelo Secretário de Segurança José Américo de Almeida, que assim dizia:

Aos rebeldes sertanejos – O governo da Paraíba intima-vos a entregar vossas armas. Vossas vidas serão garantidas, dando o governo liberdade aos que não respondam por outros crimes. Convém ouvir a palavra do governo. Deveis apresentar-vos aos nossos oficiais. Dentro de 24 horas Princesa será bombardeada pelos aeroplanos da polícia e tudo será arrasado. Evitai o vosso sacrifício inútil. Ainda é tempo de salvar-vos. Não vos enganeis; vossos chefes estão inteiramente perdidos (INOJOSA, 1980. p.199).

O tão alardeado e “temível” bombardeio com 800 bombas se resumiu a uma chuva de panfletos sobre a cidade conclamando os cidadãos a se entregarem, apelando para o lado psicológico na

²⁵ Para José Américo de Almeida, quem pilotou o *Garoto* foi o aviador Charles Astor (1968)

tentativa de abalar o moral da tropa de José Pereira. E “como não soltou bombas, o avião perdeu o encanto. Já não havia mistério” (ALMEIDA, 1968. p. 138).

A ideia de bombardear Princesa não deixou de provocar revolta no chefe político local, o coronel José Pereira Lima que telegrafou para várias autoridades, inclusive para presidente João Pessoa, dizendo:

Princeza, 6 – Não me afastarei de Princeza onde os feridos de minha família e dos meus amigos aguardam o bombardeamento prometido. Como represália, porem, invadirei o Estado implantando regimen terror. – José Pereira. (RODRIGUES, 1978. p. 156; Jornal *A União*, Parahyba, 8 de junho de 1930, p, 1).

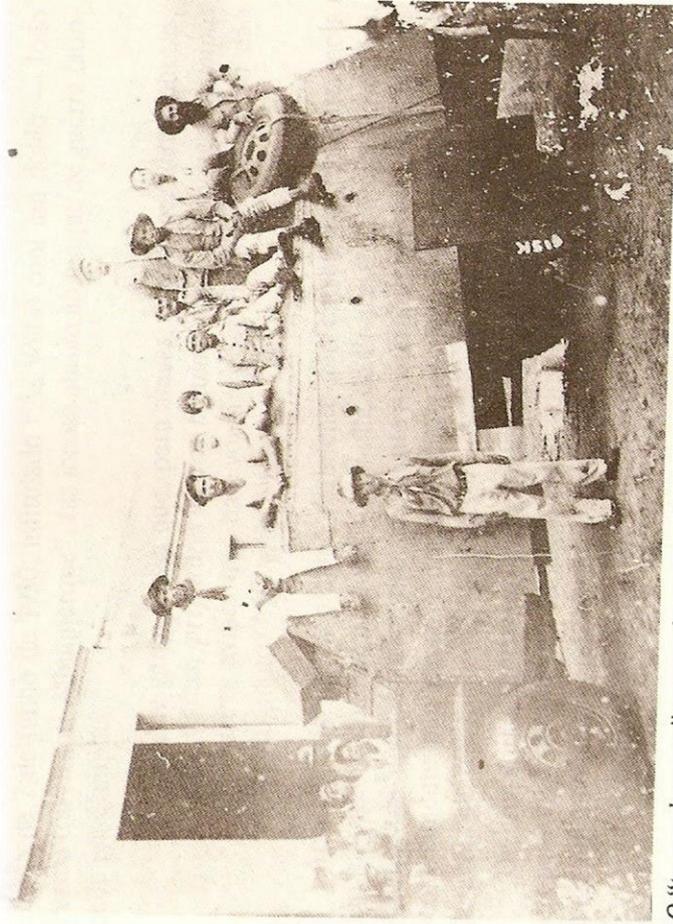
A “represália” prometida era apenas uma bravata criada pelos Pessoa de Queiroz, com a intenção de mostrar ao país a desordem que havia se instalado no Estado da Paraíba, pressionar para uma intervenção federal e por consequência a deposição de João Pessoa.

José Pereira de Lima se mostrou contra essa ideia, Pois

achava que espelhar homens pelas cidades, vilas e povoados era uma atitude arriscada porque ninguém poderia garantir que esses homens não se excederiam e ao invés de passarem pelos aglomerados atirando para cima, cometessem algum assassinato ou alguma razia (RODRIGUES, 1978. p. 156).

Mesmo assim a ideia seria levada da frente pelos Pessoas de Queiroz e acabaram convencendo o coronel. Então, grupos de homens armados começaram a se espalhar pelo interior do Estado da Paraíba causando pânico por onde passavam.

Em suma, as bombas não caíram, as ameaças não pararam, os conflitos iriam continuar e vidas ainda iriam ser perdidas. Só um milagre ou uma tragédia poderia parar essa guerra. Eis que a história escolheu uma tragédia como ponto final.



O "tanque de guerra" construído em Campina.

Espécie de tanque "blindado" construído em Campina Grande para atacar as tropas de Princesa. Foto: Reprodução.

*CARO LEITOR, COMO AS TRÊS
NOTÍCIAS QUE VIRÃO A SEGUIR
TRATAM DO MESMO FATO - O
ASSASSINATO DE JOÃO PESSOA –
RESOLVEMOS DISCORRER SOBRE O
TEMA UMA ÚNICA VEZ A FIM DE EVITAR
A REPETIÇÃO DO ASSUNTO.*

8º NOTÍCIA

*Aqui morava um rei quando eu menino,
Vestia ouro e castanho no gibão,
Pedra da Sorte sobre meu destino,
Pulsava junto ao meu, seu coração.*

*Para mim, o seu cantar era divino,
Quando ao som da viola e do bordão,
Cantava com voz rouca, o Desatino,
O Sangue, o riso e as mortes do Sertão.*

*Mas mataram meu pai. Desde esse dia
Eu me vi, como cego sem meu guia
Que se foi para o Sol, transfigurado.*

*Sua efígie me queima. Eu sou a presa.
Ele, a brasa que impele ao Fogo acesa
Espada de Ouro em pasto ensanguentado.*

(Aqui morava um Rei – Ariano Suassuna)

BRAZILIAN ASSASSIN ESCAPES LYNCHING

**Lawyer Under Heavy Guard in
Pernambuco After Killing Pes-
soa, Parahyba President.**

Special Cable to THE NEW YORK TIMES.

SÃO PAULO, Brazil, July 27.—João Dantas, who shot and killed João Pessoa, President of the State of Parahyba and national politics leader, in Pernambuco yesterday, was being held in prison under heavy guard today after the police had taken him to the jail only with difficulty because the crowd at the scene wanted to lynch him.

Senhor Pessoa was assassinated late yesterday afternoon while taking coffee with friends in a coffee shop. He had arrived in Pernambuco yesterday from Parahyba and was seated talking when a man came up to him, said "I am João Dantas, and then discharged five revolver shots at Senhor Pessoa, who died almost instantly. When the assassin attempted to escape he was wounded twice by Senhor Pessoa's chauffeur who rushed to the scene when he heard the shots.

The motive for the killing is not yet clear, but, according to reports, it is believed that Dantas, who is a small-town lawyer, had nursed a grudge connected with Senhor Pessoa's actions in stamping out the rebellion which has been fomenting in the interior and the city of Princesa for the past five months.

In view of Senhor Pessoa's strong position in the Liberal party, which was defeated last March in the Brazilian Presidential elections, with him as the Vice Presidential candidate, the Federal Government, it is understood, has ordered troops to be on the alert in the Liberal stronghold States of Minas Geraes and Rio Grande do Sul to prevent possible untoward manifestations.

RIO DE JANEIRO, July 27 (AP).—Brazilian political circles were deeply disturbed today over the assassination in the city of Pernambuco last night of João Pessoa, President of the State of Parahyba and member of a prominent family of statesmen.

For many months Senhor Pessoa had been a central figure in a kind of guerilla warfare with Deputy José Pereira, whose headquarters are at the town of Princesa. Many persons have been killed during the hostilities, which arose from a dispute about political patronage.

Dantas is the chief municipal officer of the town of Teixeira, near Princesa.

Senhor Pessoa was the nephew of Senator Epitácio Pessoa, President of Brazil from 1918 to 1922, who at present is a member of the Permanent Court for International Justice at The Hague.

The New York Times

Published: July 28, 1930

4.8. Assassino brasileiro escapa do linchamento.

Advogado sob Guarda Pesada em Pernambuco depois de Matar Pessoa, o Presidente da Parahyba.

Cabo especial para o New York Times.

SÃO PAULO, Brasil, 27 de julho. - João Dantas, que atirou e matou João Pessoa, presidente do Estado da Paraíba e líder político nacional, em Pernambuco, foi mantido preso hoje sob forte guarda pois a polícia o levou para a prisão com dificuldade devido a multidão no local querer linchá-lo.

O senhor Pessoa foi assassinado no final da tarde de ontem enquanto tomava café com amigos numa cafeteria. Ele havia chegado em Pernambuco ontem da Parahyba e estava sentado conversando quando um homem apareceu para ele, disse: "Eu sou João Dantas", e então disparou cinco tiros de revólver em Senhor Pessoa, que morreu quase instantaneamente. Quando o assassino tentava fugir, foi ferido duas vezes pelo motorista do senhor Pessoa, que correu para a escada quando ouviu os tiros.

O motivo do assassinato ainda não está claro, mas, de acordo com relatos, acredita-se que Dantas, que é um advogado de uma cidade pequena, tenha rancor ligado às ações do senhor Pessoa em estancar a rebelião que vem fomentando no interior e na cidade de Princesa nos últimos cinco meses.

Tendo em vista a forte posição do senhor Pessoa no Partido Liberal, derrotado em março passado nas eleições presidenciais brasileiras, como o candidato a vice-presidente, o Governo Federal, entende-se, ordenou tropas para estar em alerta em Estados de reduto liberal como Minas Gerais e Rio Grande do Sul para evitar possíveis manifestações desfavoráveis.

RIO DE JANEIRO, 27 de julho (AP)- Os círculos políticos brasileiros ficaram profundamente perturbados durante toda a noite do assassinato de João Pessoa na cidade de Pernambuco, presidente do Estado da Paraíba e membro de uma proeminente família de estadistas. Durante muitos meses, o senhor Pessoa foi uma figura central em uma espécie de guerra de guerrilhas com o deputado José Pereira, cuja sede fica na cidade de Princeza. Muitas pessoas foram mortas durante as hostilidades, que surgiram de uma disputa sobre poder político.

Dantas é o diretor municipal da cidade de Texeira, perto de Princeza.

Senhor Pessoa era sobrinho do senador Eptacio Pessoa, presidente do Brasil de 1918 a 1922, que atualmente é membro da Tribunal Permanente para a Justiça Internacional em Haia.

The New York Times

Publicado em 28 de julho de 1930

Direitos autorais © The New York Times.

9º NOTÍCIA

*“Inaço quando se assanha,
Cai estrela, a Terra treme,
O Sol esbarra o seu curso,
O Mar abala-se e geme,
Pega fogo o mundo em roda
E nada disso o nêgo teme”.*

(Inácio da Catingueira)

One Killed, Twenty Hurt in Brazilian Riots Following Assassination of State President

Special Cable to THE NEW YORK TIMES.

SAO PAULO, Brazil, July 28.—The late Joao Pessoa, President of the State of Parahyba, leader of the Liberal party and brother of Epitacio Pessoa, former President of Brazil and present member of the World Court, who was assassinated at Recife, capital of the State of Pernambuco, on Saturday evening, had been warned that he would be killed some time after July 20, according to reports received from Parahyba.

The news of his murder is causing nation-wide excitement, with the Opposition newspapers demanding immediate action for the punishment of the assassin, Joao Dantas.

RIO DE JANEIRO, July 28 (AP).—The Brazilian State of Parahyba today was reported to be in turmoil over the assassination on Saturday of Joao Pessoa, State President and liberal candidate for the Vice Presidency of the country at the last elections.

There were no direct communications from the State to the capital, but dispatches from neighboring States reported that serious trouble was imminent.

In rioting today one man was reported killed, a score injured and several houses burned. Crowds marched through the streets of Parahyba, the State capital, and set fire to residences and stores belonging to Senhor Pessoa's political opponents. Persons driven from the

burning buildings had to take refuge in the barracks of an infantry battalion that has been policing the city while the State police were fighting rebels at Princeza.

At Cabedello, port of Parahyba, disorders also occurred.

Senhor Pessoa was slain at the city of Recife, State of Pernambuco, while sitting with friends in a cafe. His assailant, Joao Dantas, a political enemy, was wounded in the head and captured.

So great is the partisanship for the dead statesman, who was a nephew of former President Epitacio Pessoa, that the Acting Governor of Parahyba feared further violence if the body were brought back and ordered that it be held at Recife.

Dispatches from Parahyba say that 187 prisoners imprisoned for various offenses stormed the main gate of the prison begging for freedom to avenge the death of Senhor Pessoa.

The assassination grew out of guerilla warfare in which more than 300 men, both rebels and State police, had been killed since the beginning of the year.

For more than four months José Perelra, a State Deputy, has maintained open rebellion against the State authorities. His stronghold is in the region around the city of Princeza, which he recently proclaimed an "independent State." The quarrel originally started over a question of political patronage in the State.

The New York Times

Published: July 29, 1930

Copyright © The New York Times

4.9 Um morto, vinte feridos em motins brasileiros após o assassinato do presidente do estado

SÃO PAULO, Brasil, 28 de julho. - O falecido João Pessoa, Presidente do Estado da Parahyba, líder do Partido Liberal e irmão do Epitácio Pessoa, ex-presidente do Brasil e atual membro do Tribunal Mundial, que foi assassinado em Recife, capital do Estado de Pernambuco, no sábado à noite, havia sido advertido de que seria morto em 20 de julho, segundo relatórios recebidos da Parahyba.

A notícia de seu assassinato está causando comoção em toda a nação, com os jornais da oposição exigindo ação imediata pela punição do assassino, João Dantas.

RIO DE JANEIRO, 28 de julho (AP). - O estado brasileiro da Parahyba hoje foi relatado em tumulto sobre o assassinato no sábado de João Pessoa, Presidente do Estado e candidato liberal à vice-presidência do país nas últimas eleições.

Não houve comunicações diretas do Estado para a capital, mas despachos de Estados vizinhos relataram que problemas sérios era iminente.

Nos tumultos de hoje, um homem foi morto, um alguns feridos e várias casas queimadas. Multidões marchavam pelas ruas de Parahyba, capital do Estado, e incendiavam residências e lojas pertencentes dos adversários políticos de Senhor Pessoa. Pessoas expulsas dos edifícios em chamas tiveram que se refugiar no quartel de um batalhão de infantaria que tem policiado a cidade

enquanto a polícia do estado estava lutando contra rebeldes em Princesa.

Em Cabedelo, Porto do Parahyba, os distúrbios também ocorreram.

Senhor Pessoa foi morto na cidade de Recife, Pernambuco, enquanto estava sentado com os amigos em um café. O agressor, João Dantas, um inimigo político, foi ferido na cabeça e capturado.

Tão grande é o partidatismo do estadista morto, que era sobrinho do ex-presidente Epitácio Pessoa, que o governador em exercício da Parahyba temia mais violência se o corpo fosse trazido de volta e ordenou que [o corpo] fosse mantido em Recife.

Despachos da Parahyba dizem que 187 prisioneiros presos por várias ofensas invadiram o portão principal da prisão pedindo liberdade para vingar a morte do senhor Pessoa.

O assassinato resultou de uma guerra de guerrilhas na qual mais de 300 homens, tanto rebeldes quanto policiais do Estado, foram mortos desde o início do ano.

Por mais de quatro meses, José Pereira, um deputado estadual, manteve uma rebelião aberta contra as autoridades do Estado. Sua fortaleza é na região em torno da cidade de Princesa, que ele recentemente proclamou um "estado independente". A briga começou originalmente por uma questão de poder político no Estado.

The New York Times

Publicado em 29 de julho de 1930

Direitos autorais © The New York Times

10º NOTÍCIA

*"Quando o dia começa a clarear
Um cigano se benze e deixa o rancho
A rolinha se coça num garrancho
Convidando o parceiro pra voar
Um bezerro cansado de mamar
Deita o queixo por cima de uma mão
A toalha do vento enxuga o chão
Vagalume desliga a bateria
Das caricias da noite nasce o dia
Aquecendo os mocambos do sertão".*

(Joao Paraibano)

Brazilian Troops Capture Interior Rebel Stronghold

Special Cable to THE NEW YORK TIMES.

SAO PAULO, Aug. 12.—Princeza, a small town in the interior of Parahyba State, which has for the past five months been the centre of rebel activities, has capitulated to the Federal forces, according to dispatches received here. The capture was effected by 1,500 Federal troops, who stormed the rebel breastworks, driving the disorganized defenders into the hinterland, where they disbanded.

The Federal attack was supported by a number of planes, which contributed a great deal to routing the rebels, although no bombs were reported dropped on the city. No reports have been received on the number of casualties, but they are believed small.

The Federal occupation of Princeza is expected to terminate the rebel activities and to restore order throughout Parahyba.

The New York Times

Published: August 13, 1930

Copyright © The New York Times

4.10. Tropas brasileiras capturam fortaleza rebelde no interior

Cabo Especial para The New York Times

SÃO PAULO, 12 de agosto. - *Princeza, uma pequena cidade no interior do Estado da Parahyba, que nos últimos cinco meses foi o centro de atividades rebeldes, capitulou para as forças federais, de acordo com os despachos recebidos aqui. A captura foi efetuada por 1.500 tropas federais, que invadiram as fundações rebeldes, levando os defensores desorganizados para o interior, onde se desfizeram.*

O ataque federal foi apoiado por uma série de aviões, o que contribuiu muito para o encaminhamento dos rebeldes, embora nenhuma bomba tenha sido divulgada na cidade. Nenhum relatório foi recebido sobre o número de vítimas, mas acredita-se pequeno.

Espera-se que a ocupação federal de Princeza encerre as atividades rebeldes e restabeleça a ordem em toda a Parahyba.

The New York Times

Publicado em 13 de agosto de 1930

Direitos autorais © The New York Times

A guerra de princesa já estava no quinto mês, ambos os lados já estavam se cansando, mesmo assim as hostilidades não diminuía. Se alguém esperava a

chegada de um milagre, acabou tomando um susto com uma tragédia ocorrida.

Um fato à margem da guerra entre as tropas de Princesa e a polícia paraibana mudou completamente o cenário político local e posteriormente nacional. O então presidente da paraíba, João Pessoa, é assassinado pelo advogado João Duarte Dantas numa cafeteria no centro do Recife.

As animosidades entre João Pessoa e os Dantas começou ainda no começo do seu governo, quando João Pessoa editou atos administrativos com a intenção de modificar a estrutura política estadual o que atingiu em cheio o poder dos coronéis.

Os atritos se intensificam ainda mais após episódio em que a polícia paraibana invadiu Teixeira e prendeu vários membros da família Dantas, episódio que acabou culminando na Revolta de Princesa, tratado aqui no começo desse livro.

Outra questão que ajudou nesse somatório de raivas e xingamentos mútuos foi a prisão de Joaquim Dantas, irmão de João Dantas, que foi levado pela polícia para Piancó e lá ficou incomunicável. Como se isso não bastasse, a Fazenda Santo Agostinho, de propriedade do senhor Franklin Dantas, pai de João Dantas, foi incendiada e o incêndio foi atribuído à polícia paraibana (RODRIGUES, 1978).

A ira de João Duarte Dantas estava sendo alimentada pelos atos do governo paraibano. Sobre

esses dois episódios, o advogado envia um telegrama para o presidente João Pessoa:

Recife, 1/6/930 – Presidente João Pessoa – Parahyba – Acabo receber confirmação continua incomunicável Piancó sob vistas vosso chefe polícia meu irmão Joaquim, sequestrado vossa ordem desde 23 de Maio, enquanto fizestes policia informar falsamente Tribunal ter sido posto liberdade. Agora sei ordenastes incêndio fazenda meu pae de cuja realização sois bem capaz, pois mesmo fez vossa polícia fazenda Santo Agostinho pertencente minha família. Matae, depredae, vontade, aproveitando commoda oportunidade satisfação vossos instinetos, mas ficae certo nenhum Dantas se amedrontará nem se humilhará diante vosso capricho. E uma vez vosso obliterado senso moral, obscura consciência jurídica vos permitem taes desatinos, apesar longo exercício magistratura, sou forçado lembrar, sem estardalhaço tão do agrado vosso temperamento theatral, que felizmente tendes filhos e juntamente com elles respondereis pelo que soffrer minha família, respondendo também Estado pelos prejuízos materiaes nos causahdes. Saudações – João Duarte Dantas (CALDAS, 2008. p.15).

O governo paraibano não iria deixar passar em branco o episódio desse telegrama, dando uma resposta através do jornal *A União* dois dias depois, em 3 de junho de 1930, através do editorial:

O presidente João Pessoa mal conhece esse molambo que acode pelo nome de João Dantas. [...] Até que agora, depois de deflagrados os acontecimentos de Princeza, o miserável se transformou em espião a serviço dos cangaceiros, acertando finalmente com um serviço bem à altura de sua falta de escrúpulo e de sua falta de caráter: [...]

Agora, João Duarte (Dantas), com uma bravura telegráfica igual à do seu primo Duarte Dantas, manda da vizinha capital do sul esse despacho ameaçador ao chefe do govêrno. Despacho onde se estampa toda a influencia ancestral de perversidade e cobardia dos Dantas.

João Dantas, impossibilitado de se vingar do presidente João Pessoa, desse presidente que todo dia encontrava nas nossas ruas, sem ter a coragem de um só gesto de descontentamento, jura-lhe, num desabafo de bandido, os filhos menores, o mais velho dos quaes tem 17 annos! Covardia equal vamos encontrar mesmo nesta campanha (Princeza) em dois dignos membros dessa família de scelerados. (RODRIGUES, 1978. p. 160).

A gota d'água dessa contenda se deu quando a polícia paraibana invadiu o escritório de advocacia de João Dantas a pretexto de apreender armas e munições. Segundo Ademar Vidal, chefe interino da polícia,

eram constantes os boatos de que na residência do Sr. João Dantas existia um depósito de armas e munições. (...) Então designei o delegado

Manoel Moraes, para verificar o que havia. Realmente, dera-se a visita de desconhecido ou desconhecidos ao lugar aludido, onde a polícia encontrou rifles, munição e, espalhados documentos que demonstravam a ignóbil posição ocupada nos acontecimentos pelo rebento dos Dantas. Duas ou três cartas foram publicadas. E um caderninho, o qual jamais poderá ser revelado de público por encerrar tendências mais vis de um doente sexual (VIDAL, 1978. p. 248).

A polícia assegurava que João Dantas era um espião a serviço de Princesa, mas isso não passava de fabulações.

O escritório de João Duarte Dantas localizava-se no primeiro andar do prédio 519 da rua Duque de Caxias, na Capital do Estado, onde também funcionava a Liga Esportiva Paraibana, que por sinal a sala era de frete a do escritório de João Dantas.

Após a invasão

os pertences de João Dantas foram retirados do escritório, jogados no meio da rua e expostos à curiosidade pública. Os policiais examinavam os documentos e se divertiam com as leituras. Os retratos dos familiares se tornaram troças nas mãos dos invasores e, no dia seguinte, o jornal A União estampava as cartas amorosas de João Dantas (...) (LUCENA, 2005. p.116).

Cartas íntimas, trocadas com sua noiva Anayde Beiriz²⁶, foram publicadas para quem desejasse lê-las. Até seu anel de formatura foi surrupiado com a invasão. João Dantas não tolerou esse acinte. Então ele recorreu ao *Jornal do Comércio* para revidar as agressões sofridas.

Começava uma batalha nas páginas dos jornais. De um lado os Dantas, através do *Jornal do Comércio* (publicado em Recife), do outro João Pessoa, através do jornal *A União*, órgão oficial do Estado da Paraíba. Quando um lado publicava algo, o outro imediatamente respondia. Os ânimos estavam cada vez mais exaltados, os níveis de impropérios, difamações e calúnias tinham extrapolados os limites da decência.

O jornal *A União* publicou os seguintes artigos: **“A perversidade e a cobardia dos Dantas”, “A fisionomia moral de um caluniador”, “Cangaceiro de gravata I – Duarte Dantas”, “Caluniador e poltrão”, “Cangaceiro de gravata II – Franklin Dantas”, “A projeção de um nome” e “A serviço da delação – João Duarte Dantas”**. A resposta dos Dantas veio no *Jornal do Comercio* com os títulos **“As voltas com um doido I”, “As voltas com um**

²⁶ Foi uma professora, poetisa e escritora paraibana. Foi eleita a melhor Normalista de 1922, quando se formou com apenas 17 anos. Foi uma mulher à frente do seu tempo, e como toda mulher que ousa desafiar o *status quo* vigente, sofre todo tipo de achincalhamento. Foi uma defensora da emancipação feminina, lutando contra o machismo e o patriarcalismo da época.

doido II” e “O doido da Parahyba” (RODRIGUES, 1978. p. 161).

Após a invasão ao seu escritório, João Dantas passou a residir no Recife, não voltando mais a paraíba em decorrência da execração pública a que foi submetido ao ter sua intimidade exposta nas páginas do jornal *A União*. Mas o destino tinha reservado um encontro funesto entre João Pessoa e João Dantas em solo pernambucano.

Pouco tempo depois, numa manhã de 26 de julho de 1930, um dia de sábado, o Presidente da Paraíba João Pessoa viaja ao Recife, “acreditando que ninguém, além do seu motorista José Francisco de Sousa, do ordenança²⁷ Antônio Pontes de Oliveira, do Vice-Presidente do Estado e dos seus secretários de confiança”, sabiam dessa viagem (LUCENA, 2005. p. 119).

Durante o percurso o jornal *A União* publicava que o presidente João Pessoa estaria a caminho da capital pernambucana, além de todo o seu itinerário no Recife, e finalmente do chá que iria tomar no fim da tarde com amigos na Confeitaria Glória.

Naquele mesmo dia, João Dantas pegou um bonde saindo de Olinda com destino a Recife para providenciar um novo artigo que sairia no *Jornal do Comércio* do dia 27 de julho. Entretanto, durante a

²⁷ É um soldado que fica às ordens de uma repartição ou a serviço pessoal de uma autoridade militar ou civil a quem acompanha durante as horas de expediente.

viagem, vê nas mãos de um passageiro “a fatídica folha que o malsinava, “A União”, daquelle dia, 26, que, por desígnios inclementes do destino, vinha mais exuberante de infâmias e de ataques revoltantes (...).

Entre as várias notícias que leu, espantou-se com uma, pois, “na primeira página daquella edição se lia a notícia que se segue: “PRESIDENTE JOÃO PESSOA” – “Com destino ao Recife, viaja hoje o Sr. Presidente João Pessoa” (CALDAS, 2008. pp. 96-97).

João Dantas, talvez tomado pela cólera provocada por tantas afrontas, injurias e aviltamentos, desceu do bonde e voltou para residência do seu cunhado, o engenheiro Augusto Caldas, onde estava desde o dia 25 de maio, para armar-se e buscar a sua vendeta. Ao regressar ao Recife armado com um revólver *Colt*, o advogado paraibano, da numerosa família Dantas, abraçava seu destino de algoz.

Assim que chegou no Recife, no fim da tarde daquelle sábado, João Dantas se dirigiu ao centro da cidade a procura do seu desafeto.

João Pessoa passou o dia em atividades políticas, visitando amigos, fazendo fotografias e por fim encontrou dirigentes da Aliança Liberal de Pernambuco na confeitaria Glória, situada na Rua Nova, esquina com a antiga Rua de Santo Amaro (hoje Rua da Palma), centro do Recife. No interior da confeitaria, o Presidente João Pessoa

achava-se sentando em torno de uma pequena mesa, tomando despreocupadamente o seu chá, em companhia dos amigos Agamenon Magalhães, advogado e ex-deputado federal, Caio de Lima Cavalcanti, diretor substituto do Diário da Manhã, e o comerciante Alfredo Whatley Dias (INOJOSA, 1980. p. 211).

Por volta das 17:30 um sertanejo decidido adentrou a confeitaria Glória pela porta lateral, aproximou-se da roda de amigos em que estava João Pessoa e disse: “Sou Dr. João Duarte Dantas, a quem tanto injuriaste e offendeste” e quando João Pessoa se virou recebeu três tiros à queima-roupa, sem chance de defesa e sem esboçar nenhuma reação, tombando em seguida.

Ao tentar fugir durante a confusão, João Dantas é baleado²⁸ por Antônio Pontes de Oliveira, chofer de João Pessoa, e detido pelos presentes, sendo conduzido para a Casa de Detenção do Recife²⁹. O Presidente é conduzido às pressas para a Farmácia Pinho, na mesma rua da confeitaria, onde acabou falecendo. Tinha 52 anos, uma esposa e quatro filhos

²⁸ O tiro acertou João Dantas na testa, mas não chegou a atingir o cérebro, causando apenas um traumatismo que o jogou ao chão.

²⁹ No século XIX a Casa de Detenção do Recife era a maior cadeia do país. Funcionou de 1855 até 1973, quando foi desativada. Em 1976 o antigo prédio situado à Rua Floriano Peixoto foi transformado em Casa da Cultura. Fonte:

(http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php?option=com_content&view=article&id=532&Itemid=182)

menores. (LUCENA, 2005; INOJOSA, 1980; ALMEIDA, 1968; SOBRINHO, 1983; VIDAL, 1978)

João Duarte Dantas e Augusto Moreira Caldas, seu cunhado, foram presos e levados para Casa de Detenção. Posteriormente João Dantas é transferido para a Central de Polícia para prestar depoimento.

Durante o 1º Inquérito Judicial instaurado para apurar o caso, presidido pelo desembargador João Paes, João Dantas confirma tudo que depôs à polícia:

Sou eu o único responsável pelo acto delituoso que, conscientemente pratiquei”, - “Mas, Dr. Dantas, o sr. cometeu o maior crime do mundo!” - “Sim, Dr. João Paes, depois que recebi a maior affronta do Universo (CALDAS, 2008. p. 102).

O(s) motivo(s) do crime pode(m), à primeira vista, parecer(em) político(s), mas nos meandros da vida de ambos é possível enxergar que o que começou com atritos políticos descambou para contendas pessoais.

A denúncia oferecida pelo promotor Cândido Martins chegou a dizer que havia um complô para matar João Pessoa, tendo a imprensa alardeado bastante essa hipótese. Colocando José Pereira, Júlio Prestes, o ex-presidente da paraíba João Suassuna, Estácio Coimbra, João Dantas, Augusto Caldas, Júlio Lyra (2º vice presidente) e até Antônio Pontes, o chofer do presidente João Pessoa.

Essa denúncia fez acirrar os ânimos entre os familiares do falecido e dos supostos envolvidos no crime, levando a outra tragédia, quase 90 dias depois da morte de João Pessoa. Em 9 de Outubro de 1930, o ex-presidente da paraíba João Suassuna é assassinado no Rio de Janeiro, com um tiro pelas costas disparado pelo paraibano Miguel de Souza Leão.

Quando a notícia da morte de João Pessoa chegou à Paraíba, a comoção foi enorme.

A sirene de *A União* tocou, convocando a população e imediatamente formaram-se grupos para vingança. (...) Os presos da cadeia pública, sensibilizados com a política de direitos humanos da presidência estadual, saíram as ruas (MELLO, 2002. p.181).

O caos começou a se instalar pelas ruas da capital paraibana. Tiros e bombas foram ouvidos, depredações nos comércios dos opositores de João Pessoa tornaram-se comuns e o clima de insegurança tomou a cidade.

No dia 28 de julho, dois dias após o crime, o corpo de João Pessoa foi levado à Paraíba, e o desejo de uma revolução tomou força, fazendo do cadáver do Presidente Paraibano o seu símbolo. Uma tremenda ironia, visto que João Pessoa era um homem que acreditava na mudança através do voto e não pelo golpe, como declarou certa vez a Álvaro de Carvalho, seu vice-presidente: “Prefiro dez vezes a vitória de

Júlio Prestes, meu adversário, a uma Revolução” (LUCENA, 2005. p. 122).

O desejo de revolução ganhava cada vez mais forma, cada vez mais adeptos.

Nas ruas, a população era a lei. Enquanto estudantes e normalistas invadiam as repartições, mulheres e funcionários públicos ocupavam as galerias da Assembleia Legislativa, ovacionando deputados liberais e apupando os perrepietas. Pronunciamentos arrebatados e sucediam. O nome da capital foi mudado para João Pessoa e o deputado Irineo Joffily, filho do historiador, fez aprovar moção suspendendo de funções o segundo vice-presidente Júlio Lyra – acusado de participação na morte de João Pessoa – e colocando fora da lei o presidente da República Washington Luiz. Transformada em Convenção Revolucionária, a Assembleia Legislativa aprovou a mudança da bandeira do Estado e o presidente Álvaro de Carvalho vetou a resolução. A Assembleia revogou o veto e a divergência afastou Carvalho definitivamente, das fileiras revolucionárias (MELLO, 2002. p. 182).

Em outubro de 1930 várias cidades da Paraíba já estavam ocupadas por forças federais de vários estados do nordeste. O capitão Juarez Távora foi o responsável para chefiar o levante. Na tarde de 3 de outubro a revolução rompeu em Porte Alegre e na madrugada do dia 4 chega à Paraíba.

A resistência legalista foi vencida dentro da Paraíba, depois em Pernambuco, Bahia e Rio de Janeiro (à época Capital do Brasil), levando a deposição do Presidente Washington Luiz, no dia 24 de outubro 1930. A deposição marca a vitória da Revolução de 30 e o fim da República Velha, também chamada de República dos Coronéis ou Oligarquias.

Quando as forças rebeldes cruzaram a fronteira da Paraíba com Pernambuco no início da revolução, João Duarte Dantas e seu cunhado Augusto Moreira Caldas se encontravam presos na Casa de Detenção do Recife. Uma parte dos revolucionários seguiu para lá para buscar vingança.

A primeira figura revolucionária a penetrar na Detenção, após a sua tomada, foi a do Sr. Agildo Barata, tenente do 22 B.C³⁰., comandante da coluna que viera no dia anterior da Paraíba afim de combater as forças legalistas de Pernambuco (CALDAS, 2008. p.163).

Além do tenente Agildo Barata, estava o médico Luís de Góis e o tenente Ascendino Feitosa, velho inimigo da família Dantas, o mesmo tenente que saiu corrido da malograda invasão a Teixeira quando prendeu e humilhou vários membros dessa família.

Por volta das 15 horas, do dia 6 de outubro, João Dantas e Augusto Caldas eram sangrados dentro da cela que estavam reclusos. A autoria do duplo

³⁰ Batalhão de Caçadores do Exército Brasileiro.

homicídio ainda levanta dúvidas. Joaquim Inojosa suspeita do médico Luis de Góis, quando diz:

Não posso, a rigor, afirmar que o bisturi aplicado em três incisões de mestre, duas na carótida de João Dantas e uma na de Augusto Caldas, tenham provindo dos dedos ágeis de Luis de Góis. Mas era o único médico presente e os cortes não foram de leigo, mas de técnico. Quanto às coronhadas, que receberam o crânio de João Dantas, poderiam ter sido de algum soldado, mas de qualquer forma sob as ordens do tenente Ascendino Feitosa, o invasor de Teixeira, inimigo figadal de João Dantas, que iria cobrar juros de velhas contas em atraso (INOJOSA, 1980. p. 226)

Para o jornalista Sebastião Lucena (2005), quem cometeu o crime contra Dantas e Caldas foi o soldado João da Mancha, homem fiel ao tenente Ascendino, como foi falado anteriormente.

As vítimas, antes do crime, ainda foram forçadas a escrever bilhetes de despedida como se estivessem comendo suicídio. Algumas fotografias foram feitas da cena, mas elas acabaram sendo usadas tempos depois para desmascarar a farsa do suicídio (CALDAS, 2008).

Na paraíba, os revolucionários faziam mudanças. A capital do estado passou a se chamar João Pessoa, a bandeira mudou para as cores vermelho e preto, além da palavra “Nego”.

Interventores foram nomeados para vários estados. A situação de Princesa iria mudar drasticamente. A paraíba estava mudando, e o Brasil também.



João Duarte Dantas. Foto: Reprodução.



Anayde Beiriz. Foto: Reprodução.



João Urbano Vasconcelos Suassuna. Foto: Reprodução.

11° NOTÍCIA

*Morri! E a Terra — a mãe comum — o brilho
Destes meus olhos apagou!... Assim
Tântalo, aos reais convivas, num festim,
Serviu as carnes do seu próprio filho!*

*Por que para este cemitério vim?!
Por quê?! Antes da vida o angusto trilho
Palmilhasse, do que este que palmilho
E que me assombra, porque não tem fim!*

*No ardor do sonho que o fronema exalta
Construí de orgulho ênea pirâmide alta...
Hoje, porém, que se desmoronou*

*A pirâmide real do meu orgulho,
Hoje que apenas sou matéria e entulho
Tenho consciência de que nada sou!*

(Vozes de um Tumulo – Augusto dos Anjos)

BRAZILIAN REBELS ACTIVE.

Princeza, in Parahyba, Menaced by
Armed Cangaceiros.

Special Cable to THE NEW YORK TIMES.

SAO PAULO, Sept. 29.—Princeza, which has been the centre of disorders in the State of Parahyba, is again reported as the scene of trouble between Federal troops and guerrilla rebels.

Dispatches received here by the *Diario da Noite* say that local bands called "Cangaceiros" equipped with Federal arms and munitions are again threatening the small interior town, which has been relatively quiet since it was occupied by Federal troops last month.

The New York Times

Published: September 30, 1930

Copyright © The New York Times

4.11. Rebeldes Brasileiros ativos.

Princeza, na Parahyba, ameaçado por Cangaceiros armados.

Cabo Especial para The New York Times.

SÃO PAULO, 29 de setembro. Princeza, que tem sido o centro de desordens no Estado da Parahyba, é novamente relatada como cenário de problemas entre as tropas federais e rebeldes da guerrilha.

Despachos recebidos aqui pelo Diário da Noite dizem que bandos locais chamados “Cangaceiros”, equipados com armas federais e munições, ameaçam novamente uma pequena cidade do interior, que tem estado relativamente calma desde que foi ocupada por tropas federais no mês passado.

The New York Times

Publicado em 30 de setembro de 1930

Direitos autorais © The New York Times

Quando a notícia do assassinato de João Pessoa por João Dantas atravessou a paraíba e chegou até Princesa, pegou a população de surpresa. Um dos combatentes disse:

João Pessoa morreu! Ganhamos a luta, coronel! E ele retrucou: - Perdemos!... e completando o vaticínio: Perdi o gosto da luta. Os ânimos agora vão se acirrar e principalmente contra mim. João Dantas não deveria ter feito isso; não comungo com o assassinato (RODRIGUES, 1978, pp. 162-163).

Assim que o coronel José Pereira soube da morte do presidente João Pessoa ordenou imediatamente a suspensão dos tiroteios e das hostilidades. O motivo para a guerra havia acabado, o adversário político já não estava mais entre os vivos.

Com a morte de João Pessoa e toda a convulsão social que ela causou, o governo federal resolve pôr fim a revolta de Princesa designando o general Lavanère Wanderley, comandante da 7ª Região Militar, sediada em Recife, capital de Pernambuco. Ele seria o responsável por acalmar os ânimos no estado vizinho da Paraíba.

José Américo de Almeida assim narrou o episódio:

Apareceu em Palácio para uma conferência o general Lavanère Wanderley apresentando um ar constrangido. E, na minha presença,

comunicou a Álvaro de Carvalho, como uma espécie de notificação, ter recebido ordens para distribuir força por algumas localidades do interior. Equivalia a uma ocupação militar; o governo federal completava sua obra. Jugulava a Paraíba (1968. p. 249).

O general Wanderley então telegrafa a José Pereira informando das ordens recebidas e que para tal as forças do exército iriam ocupar Princesa, mas pediu ao coronel para que facilitasse sua missão.

Assim o faço confiado vosso sentimento patriotismo. Para conseguir objetivo que tem em vista governo faz-se necessário que forças exército ocupem Princesa, para que eu possa exercer prompta e eficazmente minha ação sobre esse município, que tanto tem sofrido as consequências lucta armada de meses no Estado. Princesa ficará sob a acção de forças do exercito até que os habitantes dessa sintam-se garantidos em suas pessoas e bens como nos demais já vem acontecendo. Pra a minha orientação peço fineza informar se posso contar com vossa bôa vontade para completo êxito minha missão. Saudações – General Wanderley

José Pereira responde ao telegrama comunicando:

Princesa, 1- Pode v.exc. contar tudo de mim depender no sentido de restabelecer a paz esperando da acção do governo Central resulte

garantias de vida propriedades meus amigos
contra actos excessos governo Estado que vem
incendiando propriedades meus
correligionários neste município recrudescendo
em taes actos de dez dias para cá e na hora
presente ainda estão a arder em chamas. Desde
já eu me confesso tranquillo em saber tão
delicada missão se encontra sob auspícios
espírito sereno patriótico v.exc. – Respeitosas
saudações. José Pereira (1968. p. 249).???

O general Wanderley comunica a Álvaro de Carvalho, novo presidente da Paraíba, que José Pereira iria entregar as armas e facilitar a sua entrada em Princesa.

No dia 11 de agosto de 1930 um comboio de 600 homens do exército brasileiro entra em Princesa comandada pelo capitão João Facó. Aos poucos as famílias voltavam aos seus lares e suas rotinas, da mesma forma que a administração estadual começava a organizar os quadros de seus funcionários na cidade, que desde o rompimento com o governo municipal estavam ociosos.

No dia 19 de agosto do referido ano Álvaro de Carvalho recebeu um telegrama do general Wanderley que dizia:

Princesa 19 – Presidente Estado. – Participo a V. Exa. Que deputado José Pereira dissolveu suas forças e hoje terminou entrega armamento e munição em poder das mesmas e existentes depósitos nesta cidade pt. Atenciosas saudações.

(a)GENERAL WANDERLEY (CARVALHO, 1978. p. 51)

José Pereira tinha cumprido com a palavra dada. O exército estava em Princesa.

Tudo caminhava calmamente na cidade que a bem poucos dias estava em guerra. É então que o Secretário de Segurança Pública, José Américo de Almeida, tenta convencer o presidente Álvaro de Carvalho da necessidade de mandar uma tropa da polícia paraibana para Princesa. “Levei o dia inteiro a discutir com Álvaro de Carvalho o número de praças que deveria constituir o destacamento local” (ALMEIDA, 1968. p. 261).

O novo presidente da Paraíba achava que 20 homens seriam suficientes, mas o Secretário de Segurança achou pouco, então tomou uma decisão:

Chamei à capital um oficial de minha confiança e mandei-o a Piancó levando instruções, para que, sob o comando do capitão Emerson Benjamin, capaz e destemido, seguissem, não 50, mas 300 homens, escolhidos entre os mais aguerridos. O que houvesse de melhor na tropa, entre oficiais e soldados.

Princesa deveria ser tomada de assalto por essa forma e ninguém discutia as minhas ordens. As medidas tinham de obedecer ao máximo sigilo, por estar sujeita a emprêsa a contra-tempos, porque a fôrça federal permanecia em Princesa com ordens de dar garantias aos revoltosos (ALMEIDA, 1968. p. 262)

Em 29 de setembro de 1930 a polícia paraibana ocupa Princesa com 350 homens. A mesma polícia que durante seis meses tentou e não conseguiu marchar sobre a cidade.

A tropa, chefiada pelo capitão Emerson Benjamin, mal tinha chegado na cidade e o sargento Vicente Chaves assassinou o agricultor João Flor, “morto a tiros em plena via pública, somente porque João Flor tentou evitar o espancamento de uma mulher” (LUCENA, 2005. p.131).

Essa morte deixou o coronel José Pereira bastante irritado, visto que João Flor era um dos seus bons homens. Então ele manda alguns de seus homens de armarem e os abriga em sua residência para resistir a qualquer ato de violência por parte da polícia paraibana. O clima da cidade começava a ficar tenso e atos de vingança poderiam acontecer a qualquer momento.

Assim que entrou o mês de outubro, precisamente no dia 4, oficiais do exército avisam a José Pereira que a revolução rebentara e o aconselham a deixar Princesa pela sua segurança, já que devido a revolução as tropas federais saíam do município.

Seguindo os conselhos dos oficiais, José Pereira foge de Princesa para Triunfo (PE), mas ao saber que a polícia estava perseguindo-o parte para Flores (PE). Em Flores o coronel arregimenta 200 homens para uma possível resistência. Os oficiais novamente convencem José Pereira a desistir de lutar, visto que a

revolução já havia tomado 15 Estados brasileiros, inclusive a polícia pernambucana já havia aderido aos revolucionários.

Sem ter mais o que fazer, o coronel José Pereira muda de nome e começa a percorrer os Estados de Pernambuco, Alagoas, Sergipe, Bahia, Piauí e Ceará, para evitar represálias. Após 4 anos, em 1934, peregrinando de um canto a outro, é anistiado e vai morar em Serra Talhada, sertão de Pernambuco, precisamente na fazenda Abóboras, pertencente a seu sogro e irmão.

Após o golpe de Getúlio Vargas, em 1937, o interventor pernambucano, Agamenon Magalhães, mandou a polícia cercar a fazenda Abóboras, e José Pereira volta a morar em Princesa, onde ficou até 1940, através de garantias dadas pelo interventor paraibano Argemiro de Figueiredo (RODRIGUES, 1981).

Com o fim do mandato de Argemiro de Figueiredo, o coronel José Pereira volta a residir em Pernambuco voltando para a Paraíba somente em 1946 para apoiar Alcides Carneiro a governador do estado.

No dia 13 de novembro de 1949, na cidade do Recife, José Pereira Lima faleceu em decorrência de uma apendicite aguda. Tinha 63 anos.

Morria o homem, nascia uma lenda sertaneja.

CAPÍTULO 5

DESTINOS

O presidente João Pessoa, como vimos, foi assassinado por João Dantas. Sua morte foi o estopim da Revolução de 1930.

João Dantas e seu cunhado Augusto Caldas tiveram o mesmo destino de João Pessoa, ambos foram assassinados na Casa de Detenção do Recife em 1930.

A professora, escritora e poetisa Anayde Beiriz, noiva de João Dantas, após saber de seu assassinato, e que a polícia estava à sua procura, se refugiou no Asilo Bom Pastor, em Recife, em outubro de 1930. Não suportando a solidão e a angústia, ingeriu veneno. Segundo a carta enviada à família dela pela Madre Superiora responsável pelo Asilo, ela sofreu muito. Morreu rezando o Pai Nosso, no dia 22 de outubro de 1930. Tinha apenas 25 anos.

José Pereira Lima faleceu de uma apendicite na cidade do Recife em 13 de novembro de 1949, dezenove anos após a guerra. Sua luta junto ao povo de Princesa contra o governo de João Pessoa entrou para história do Brasil.

João Urbano Pessoa de Vasconcelos Suassuna, ou João Suassuna, também teve um fim trágico, sendo assassinado no Rio de Janeiro em 9 de outubro de

1930. Morreu inocente. Não teve nenhum envolvimento na morte de João Pessoa.

A Capital paraibana ganhou o nome de João Pessoa; A bandeira do Estado ganha outro formato e novas cores, a saber: Uma faixa **PRETA** representando o luto pela morte de João Pessoa; uma faixa **VERMELHA** representando seu sangue; a palavra **NEGO**, significando o apoio por ele negado ao sucessor presidencial indicado por Washigton Luís. A bem da verdade João Pessoa nunca usou essa palavra.

José Américo de Almeida ocupou outros cargos na política ao longo dos anos. Foi ministro da Viação e Obras Públicas nos dois governos de Getúlio Vargas. Foi também Senador, Ministro do Tribunal de Contas da União, Governador da Paraíba, fundador da Universidade Federal da Paraíba e seu primeiro Reitor. Foi, inclusive, nomeado Embaixador no Vaticano. Imortalizou-se com sua obra *A Bagaceira*. Foi um dos maiores escritores brasileiros. Morreu na cidade de João Pessoa em 10 de março de 1980. Tinha 93 anos.

Muitos princesenses não voltaram para suas casas, assim como muitos policiais paraibanos. Mães perderam filhos e filhos perderam pais. Nessa guerra fratricida no sertão da paraíba jamais houve vencedores e vencidos!

BIBLIOGRAFIA RECOMENDADA

AIRES, José Luciano de Queiroz. **Inventando tradições, construindo memórias: a “Revolução de 30” na Paraíba.** Dissertação (Mestrado em História). João Pessoa: UFPB, 2006.

ALMEIDA, José Américo de. **O Ano do Négo (Memórias).** Rio de Janeiro. Gráfica Record Editôra, 1968.

_____. **A Paraíba e seus problemas.** 3ª ed. João Pessoa: A União. 1984.

CALDAS, Joaquim Moreira. **Porque João Dantas assassinou João Pessoa: O delicto do “Glória” e a tragédia da penitenciária do Recife em 1930.** 3ª ed. João Pessoa: Gráfica e Editora Imprell, 2008.

CARDOSO, José Gastão. **A Heróica Resistência de Princesa.** 2ª ed. Recife, 1954.

CARONE, Edgar. **A República velha: evolução política.** Difel, SP. 1971.

CARVALHO, Álvaro de. **Nas vésperas da revolução: 72 dias na presidência do estado da Paraíba - memórias.** 2 ed. João Pessoa: Acauã, 1978.

DANTAS, Janduhi. **Viagem aos 80 anos de Revolta de Princesa**. Campina Grande: Latus, 2011.

DE DECCA, Edgar. 1930: **O Silêncio dos Vencidos. Memória, história e revolução**. 5ª Edição. São Paulo, Editora Brasiliense, 1992.

FACÓ, Rui. **Cangaceiros e Fanáticos**. Editora Civilização Brasileira. Rio de Janeiro. 1963.

FAORO, Raimundo. **Os Donos do Poder: formação do patronato político brasileiro**. 3ª ed. São Paulo: Globo, 2001.

FAUSTO, Boris. **A Revolução de 1930: historiografia e história**, São Paulo, Brasiliense, 1982.

_____. (org) **História geral da civilização brasileira – O Brasil republicano: sociedade e instituições (1889-1930)**. 2º vol. 3 ed. Rio de Janeiro: Difel, 1985.

FREIRE, João Lelis de Luna. **A Campanha de Princesa (1930)**. João Pessoa. A União, 2000.

FURTADO, Celso. **Formação econômica do Brasil**. 15ª ed. São Paulo: Nacional, 1977.

GALLIZA, Diana Soares de. **Modernização sem desenvolvimento na Paraíba: 1890-1930**. João Pessoa: Idéia, 1993.

GERALDO, Alcyr Lintz. **O Emprego do Avião na Revolta de Princesa**. Ideias em Destaque, Rio de Janeiro (23): págs. 91-97. jan/abr, 2007.

GURJÃO, Eliete de Queiroz. **Morte e vida das oligarquias: Paraíba (1889-1945)**. João Pessoa: Universitária/UFPB, 1994.

HOBBSAWM, Eric. **Sobre História**. [Tradução Cid Knipel Moreira]. São Paulo. Companhia das Letras, 1998.

INOJOSA, Joaquim. **República de Princesa (José Pereira X João Pessoa - 1930)**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL, 1980.

JOFFILY, Irineu. **Notas sobre a Parahyba**. Brasília: Thesaurus, 1908.

MELLO, Oswaldo Trigueiro de Albuquerque. **A Paraíba na primeira República**. João Pessoa: A União, 1982.

PERROT, Michelle. **Os excluídos das histórias**. Rio de Janeiro, Paz e Terra. 1988.

PRADO JR, Caio. **A Revolução brasileira**. Ed. Brasiliense. São Paulo, 1966.

PEREIRA, Luiz Carlos Bresser. **Pobres elites iluminadas**. Estudos avançados 14 (38). pág. 235-246. 2000.

LEAL, Victor Nunes. **Coronelismo, Enxada e Voto: O município e o regime representativo no Brasil**. 2ª ed., São Paulo. Alfa-Omega, 1975.

LIMA, Aloysio Pereira. **José Pereira: A chama ainda acesa**. Série IV Centenário PRINCESA 1884-1984. João Pessoa: A União. 1984.

LUCENA, Tião. **1930: A História de uma Guerra**. João Pessoa: A União, 2005.

MARIANO, Paulo. **Princesa antes e depois de 30**. João Pessoa. EGN, 1991.

MARIANO, Serioja Rodrigues Cordeiro. **Signos em Confronto? O Arcaico e o Moderno na Cidade de Princesa (PB) na Década de 1920**. João Pessoa: Editora Universitária, 2010.

MELO, Frederico Pernambucano. **Guerreiros do Sol, o Banditismo no Nordeste do Brasil**. Recife: Editora Massangana, 1985.

MELLO, José Octávio de Arruada. **História da Paraíba – Lutas e Resistência**. 10ª edição: A União. 2002.

MELLO, Oswaldo Trigueiro de Albuquerque. **A Paraíba na primeira República**. João Pessoa: A União, 1982.

MONTEIRO, Góes. **A Revolução de 30 e a Finalidade Política do Exército**. Editora Adersen. 1933.

QUEIRÓZ, Maria Isaura. **O mandonismo local na vida política brasileira**. Alfa-Omega, 1976.

RODRIGUES, Inês Caminha. **A Revolta de Princesa: uma contribuição ao Estado do Mandonismo Local - Paraíba (1930)**. Estado da Paraíba. Secretaria da Educação e Cultura, Departamento de Assuntos Culturais, 1978.

_____. **A Revolta de Princesa: poder privado x poder instituído**. Tudo é história, 19. São Paulo: Brasiliense, 1981.

SÁ, Maria Auxiliadora Ferraz. **Dos velhos aos novos Coronéis: um estudo das redefinições do coronelismo**. Recife, PIMES-UFPE, 1974.

SÉRIE IV Centenário PRINCESA. **1884-1984: José Pereira, A chama ainda acesa.** Editora: A União. 1984.

SHARPE, Jim. **A História Vista de Baixo**, in BURKE, Peter (org.). *A Escrita da História.* São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista. 1992.

SILVA, Hélio. **1930, a revolução traída.** Civilização brasileira, RJ. 1966.

SOBRINHO, Barbosa Lima. **A verdade sobre a Revolução de Outubro – 1930.** 3º Ed. Editora Alfa-Ômega. São Paulo. 1983.

SUASSUNA, Ariano. **O Rei Degolado ao Sol da Onça Caetana.** Editora: Jose Olympio. 1977.

VIDAL, Ademar. **João Pessoa e a revolução e 30.** Rio de Janeiro. Graal: 1978.

QUER SABER MAIS SOBRE A EDITORA OLYVER?

Em www.editoraolyver.org você tem acesso a novidades e conteúdo exclusivo. Visite o site e faça seu cadastro!

A Olyver também está presente em:



facebook.com/editoraolyver



[@editoraolyver](https://twitter.com/editoraolyver)



[Instagram.com/editoraolyver](https://instagram.com/editoraolyver)



www.editoraolyver.org
editoraolyver@gmail.com

Desde muito cedo sempre tive um gosto apurado para tudo que dizia respeito ao sertão, ao pajeú, ao nordeste. Nasci e me criei num chão rico de história e de cultura. Nascer no sertão do pajeú é mais que obra do acaso, é um verdadeiro privilégio. Esse amor pelo lugar, esse apego pela cultura, pelas lendas, pelos causos, pela culinária e pelo povo me tornou um eterno apaixonado por tudo que está circunscrito ao que chamamos de sertão nordestino. A primeira vez que entrei em contato com a história da Guerra ou Revolta de Princesa foi no ano de 2013, 83 anos após o ocorrido, através do livro *A Heróica Resistência de Princesa*, escrito por José Gastão Cardoso, dado a mim por Paulo Medeiros Gastão, que viria se tornar um dos meus melhores amigos e incentivadores nas pesquisas devotadas ao sertão nordestino. A partir desse livro descobri esse evento que sacudiu o sertão paraibano em 1930, que ocorreu bem próximo ao meu local de nascimento, mas que nunca tinha ouvido falar. Comecei a ler e pesquisar mais sobre esse episódio e quanto mais descobria mais gostava do assunto.

ISBN: 978-65-81450-99-1



978-65-81450-99-1


OLYVER
www.editoraolyver.org

